



Ispas

Instituto Universitário
de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida

**O PAPEL MEDIADOR DA AUTOESTIMA ENTRE OS ESTILOS
DE VINCULAÇÃO E AS RELAÇÕES COM OS PARES E PAIS
EM JOVENS INSTITUCIONALIZADOS**

JÉSSICA MONSANTO

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARTA MIGUEL

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARTA MIGUEL

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professora Doutora Marta Miguel, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

Antes de mais, gostava de agradecer o apoio incondicional da minha família, pai, avó, bisavó e tios que sem eles não estaria no lugar onde hoje estou.

Ao meu avô, que mesmo não estando presente fisicamente, sei que ilumina o meu caminho e a ele dedico este trabalho. Faz-me muita falta.

Ao meu noivo, ao meu grande pilar, que me incentiva e motiva a ser uma pessoa melhor todos os dias, que ampara as minhas quedas e festeja as minhas vitórias como se dele se tratassem.

Às minhas melhores amigas da faculdade, que fizeram desta caminhada mais leve e feliz. Que me acompanharam em todas as jornadas da minha vida, das mais alegres às mais tristes, ensinaram-me o verdadeiro significado da amizade!

À professora Marta, obrigada por nunca ter desistido de mim, por me fazer acreditar nas minhas capacidades e por tudo aquilo que ensinou.

Obrigada a todas as pessoas que se cruzaram no meu caminho ao longo destes cinco anos intensos e mais felizes que vivi.

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas uma alma humana.”

Carl Jung

Resumo

Os estilos de vinculação desenvolvidos na infância com os cuidadores impactam a forma como a pessoa se vê a si mesma e às suas relações sociais ao longo da vida, influenciando diretamente a construção da autoestima. Portanto, analisar a autoestima como mediadora pode mostrar como diferentes estilos de vinculação impactam a autoestima dos jovens e, por conseguinte, as suas relações com pais e com os pares. Identificar essa mediação é essencial para compreender os fatores de risco e proteção que afetam o desenvolvimento emocional e comportamental, especialmente em jovens institucionalizados. O presente estudo teve como objetivo avaliar como a autoestima influencia a relação entre os estilos de vinculação e a qualidade das interações desses jovens com suas figuras parentais e pares. Participaram 114 jovens em contexto institucional. Para estudar as variáveis foram utilizados como instrumentos um questionário sociodemográfico, a escala Pessoas da Minha Vida (PIML), a Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES) e o Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência (IVIA). Os resultados revelaram que embora exista um efeito direto significativo entre a autoestima e as restantes variáveis, esta não se pode considerar mediadora.

Palavra-Chave: Autoestima; Vinculação; Adolescência; Pais; Grupo de Pares; Relação; Institucionalização

Abstract

Attachment styles developed in childhood with caregivers impact how individuals view themselves and their social relationships throughout life, directly influencing the construction of self-esteem. Therefore, analyzing self-esteem as a mediator can demonstrate how different attachment styles affect young people's self-esteem and, consequently, their relationships with parents and peers. Identifying this mediation is essential for understanding the risk and protective factors that affect emotional and behavioral development, especially in institutionalized youth. The present study aimed to assess how self-esteem influences the relationship between attachment styles and the quality of these young people's interactions with their parental figures and peers. A total of 114 institutionalized youth participated. To study the variables, a sociodemographic questionnaire, the People in My Life (PIML) scale, the Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES), and the Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA) were used. The results revealed that although there is a significant direct effect between self-esteem and the other variables, it cannot be considered a mediator.

Keywords: Self-Esteem; Attachment; Adolescence; Parents; Peer Group; Relationship; Institutionalization

Índice

Introdução.....	9
Revisão de Literatura.....	11
Sistema de Acolhimento Institucional.....	11
Breve história sobre a Institucionalização em Portugal.....	11
Conceito de Criança.....	13
Distinção entre o Risco e o Perigo.....	15
Denúncia das Situações de Perigo.....	16
Medidas de Proteção e Promoção.....	16
Caraterização das Crianças e Jovens Acolhidos.....	17
Teoria da Vinculação.....	20
Origem da Teoria da Vinculação.....	20
Vinculação em Adolescentes Institucionalizados.....	24
Relações com os Pais e Pares.....	25
Autoestima.....	26
O Presente Estudo.....	28
Método.....	30
Participantes.....	30
Instrumentos.....	32
Questionário Sociodemográfico.....	32
Pessoas da Minha Vida.....	33
Escala de Autoestima de Rosenberg.....	36
Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência.....	36
Procedimento.....	37
Análise de Dados.....	38

Resultados.....	40
Análise Descritiva.....	40
Associação entre a Relação com os Pais e Pares, a Autoestima e os Estilos de Vinculação.....	41
Análises de Mediação.....	43
A Autoestima como Mediadora da Relação entre um Estilo de Vinculação Segura e a Relação com os Pais e Pares.....	43
A Autoestima como Mediadora da Relação entre um Estilo de Vinculação Ansiosa/Ambivalente e a Relação com os Pares.....	47
A Autoestima como Mediadora da Relação entre um Estilo de Vinculação Evitante e a Relação com os Pais.....	48
Diferenças na Autoestima e na Relação com os Pais e Pares.....	50
Discussão.....	54
Implicações Práticas e Limitações.....	61
Considerações Finais.....	63
Referências Bibliográficas.....	65
Anexos.....	76
Anexo A – Modelos de Análise Fatorial Confirmatória no AMOS.....	76
Anexo B – Autorização para Utilização dos Instrumentos.....	78
Anexo C – Consentimento Informado.....	81
Anexo D – Formulário.....	82

Lista de Tabelas

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra.....	31
Tabela 2. Índices de Qualidade do Ajustamento em Diferentes Modelos Testado.....	35
Tabela 3. Estatística descritiva.....	40

Tabela 4. Correlações entre a Relação com os Pais e Pares, a Autoestima e os Estilos de Vinculação.....	42
Tabela 5. Diferenças na Autoestima em função do Sexo.....	50
Tabela 6. Diferenças na Relação com os Pais em função da Situação dos Irmãos (Com a Família vs. Na mesma Casa de Acolhimento).....	51
Tabela 7. Diferenças nas Relações com os Pais e Pares e na Autoestima em função da Frequência do Contacto com a Família.....	52

Lista de Figuras

Figura 1. Modelo PIML-PAIS.....	35
Figura 2. Análise de mediação com a Autoestima como mediador entre a Vinculação Segura e a dimensão Confiança referente à Relação com os Pais.....	43
Figura 3. Análise de mediação com a Autoestima como mediadores entre a Vinculação Segura e a dimensão Confiança referente à Relação com os Pares.....	44
Figura 4. Análise de mediação com a Autoestima como mediadores entre a Vinculação Segura e a dimensão Comunicação referente à Relação com os Pais.....	45
Figura 5. Análise de mediação com a Autoestima como mediadores entre a Vinculação Segura e a dimensão Comunicação referente à Relação com os Pares.....	45
Figura 6. Análise de mediação com a Autoestima como mediadores entre a Vinculação Segura e a dimensão Comunicação referente à Relação com os Pares.....	46
Figura 7. Análise de mediação com a Autoestima como mediadores entre a Vinculação Segura e a dimensão Total referente à Relação com os Pares.....	47
Figura 8. Análise de mediação com a Autoestima como mediadores entre a Vinculação Ansiosa/Ambivalente e a dimensão Alienação referente à Relação com os Pares.....	48
Figura 9. Análise de mediação com a Autoestima como mediadores entre a Vinculação Evitante e a dimensão Alienação referente à Relação com os Pares.....	49

Introdução

Desde os primeiros anos de vida que o bebê através do vínculo com os seus cuidadores começa a construir a sua autoestima. Com o decorrer do tempo e das experiências vivenciadas, o olhar e o afeto transmitido pelos progenitores passam a ser o seu próprio reflexo de si mesmo (Seitún & Di Bártolo, 2019). Nos casos em que o bebê não vivencia um olhar caloroso que o faça sentir protegido, acolhido e valioso, terá conseqüentemente uma maior predisposição para se avaliar de forma negativa, resultando assim numa baixa autoestima.

A autoestima e os estilos de vinculação estão interligados de maneira significativa, especialmente no desenvolvimento psicológico durante a infância e adolescência. Os estilos de vinculação, formados com os cuidadores primários na primeira infância, têm um impacto profundo na maneira como os indivíduos se percebem a si mesmos e aos outros e o modo como interagem com os outros, influenciando assim o desenvolvimento da autoestima ao longo da vida (Bowlby, 1988). A partir da adolescência a autoestima assume um papel predominante, uma vez que é nesta fase que os jovens enfrentam diversos desafios a níveis emocionais, sociais e físicos (Harter, 1999).

Segundo Steinberg, L. (2014), uma autoestima saudável contribui para uma melhor saúde mental, maior capacidade de enfrentar desafios e interações sociais mais positivas. Em contrapartida, a baixa autoestima pode resultar em problemas como depressão, ansiedade, isolamento social e dificuldades no desempenho escolar. Assim sendo, evidencia-se uma correlação em que a vinculação desenvolvida pelos pais desempenha um papel importante no desenvolvimento da autoestima (Orth & Robins, 2014).

De acordo com o Bowlby (2009), a vinculação insegura pode reduzir a possibilidade de as crianças desenvolverem uma visão positiva de si mesmas e dos outros e, conseqüentemente, limitar a exploração social. Há evidências que a vinculação insegura influencia negativamente a autoestima dos jovens e adolescentes. Estudos realizados por Wilkinson (2004), verificaram correlações moderadas com a vinculação insegura ambivalente, desorganizada e evitativa. Esta última foi caracterizado com maior correlação à autoestima. Ou seja, um indivíduo com vinculação insegura evitativa é expetável que a sua autoestima se encontre afetada, tendo em conta que foi exposto a

situações de rejeição que o levaram a sentir-se pouco valorizado, indigno ou incompetente. Por outro lado, um sujeito com vinculação insegura ambivalente é provável que desenvolva uma grande insegurança em relação à sua figura de vinculação, o que eventualmente o levará a ter uma visão flutuante de si mesmo, considerando-se apenas por algumas vezes digno de ser amado e valorizado (Bowlby, 2009). Seitún & Di Bártolo, (2019), defendem que o vínculo funciona como um espelho através do qual a criança, e de seguida o jovem, observam-se a si mesmos e ao ambiente em que estão inseridos.

Ao longo do seu desenvolvimento, o adolescente começa a estabelecer contacto com diversos contextos, o que lhe permite estender as suas relações afetivas e posteriormente estabelecer relações de vinculação para além do núcleo familiar, o que promove um sentido de exploração que, geralmente, gera uma aproximação ao grupo de pares (Bronfenbrenner, 1979). A escolha do grupo de pares está associada às estruturas internas criadas previamente através do estabelecimento de laços vinculativos com as figuras parentais. Deste modo, assume-se a possibilidade de que as funções de vinculação procuradas nas relações com as figuras parentais passem gradualmente a ser procuradas em outros contextos, nomeadamente nos pares. Esta transferência poderá ser facilitadora se os progenitores constituem uma base segura para o adolescente (Pinheiro Mota et al., 2020). Ainda neste sentido, é espectável que as relações de vinculação estabelecidas com os pares também constituam um contributo para o desenvolvimento saudável da autoestima. Indivíduos com autoestima positiva sentem-se merecedores da amizade e carinho por quem os rodeia, desenvolvem capacidades facilitadoras do estabelecimento de relações interpessoais. Em contrapartida, indivíduos com baixa autoestima procuram o isolamento e distanciam-se perante os outros, condicionando o estabelecimento e manutenção de relações interpessoais (Pinheiro Mota et al., 2020).

Como se pode verificar, tanto os estilos de vinculação como o relacionamento entre os pares são essências para a formação da autoestima dos adolescentes, o que leva ao desenvolvimento psicológico global. Contudo, a relação entre os estilos vinculação, bem como a relação entre os pais e os pares mediadas pela autoestima nos jovens institucionalizados, parece estar pouco explorada na literatura. Este trabalho pretende preencher essa lacuna de pesquisa em relação aos adolescentes institucionalizados.

Revisão de Literatura

Sistema de Acolhimento Institucional

Breve história sobre a Institucionalização em Portugal

Na antiga sociedade tradicional, a infância era frequentemente vista como um período de vulnerabilidade e não recebia a devida consideração como uma fase distinta do desenvolvimento humano. Uma vez que as crianças alcançassem um desenvolvimento físico que garantisse a sua sobrevivência, eram rapidamente integradas ao mundo dos adultos, tanto no trabalho quanto no lazer. Com o surgimento de novas correntes religiosas, como o Cristianismo, houve uma mudança na visão social sobre a infância. Apesar da influência significativa da Igreja, o abandono de recém-nascidos continuava a ser um problema significativo, impulsionado por fatores como a pobreza generalizada e a instabilidade política da época. O abandono infantil era uma prática comum e não era punida por lei ou costume (Tavares, 2000).

Para enfrentar esse problema, no final da Idade Média e especialmente durante os séculos XVII e XVIII, surgiram novas instituições sociais, filosóficas e jurídicas. Foram criadas instituições religiosas, hospícios, orfanatos e colégios dedicados a crianças abandonadas, órfãs e pobres. Em 1783, foi estabelecida a primeira instituição projetada para proteger a identidade dos pais e reduzir a mortalidade infantil, através do uso da roda dos expostos. A alta mortalidade infantil daquela época refletia a falta de cuidados médicos adequados e a pouca atenção dedicada às crianças, que eram frequentemente vistas mais como um fardo do que como seres humanos valiosos (Scheiwe & Willekens, 2009).

A roda dos expostos, uma instituição “ambulante” oficializada por Pina Manique, fundador da Casa Pia de Lisboa (Amado et al., 2003), permitia que as crianças abandonadas fossem deixadas de forma anónima. Entre as principais razões para o abandono estavam a morte da mãe durante o parto e a origem das crianças em relações amorosas não reconhecidas pela Igreja, resultando em filhos ilegítimos.

Em Portugal, em 1911, o Estado começa a preocupar-se com as questões dos menores desprotegidos e abandonados, o que leva a formalização da Lei da Infância e Juventude (Artigo 1.º da Lei n.º 147/99, de 1 de setembro). Em 1989, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a “Convenção sobre os Direitos da Criança”, um marco

importante para a proteção infantil, que foi ratificado por Portugal em 1990. Em 1995, iniciou-se a Reforma dos Direitos dos Menores, fundamentada na Constituição da República Portuguesa e nas Convenções e Recomendações Internacionais. Esta reforma centrou-se na promoção da responsabilidade primária da família, de seguida pelo Estado e pela sociedade e na proteção e promoção dos direitos das crianças e jovens. O processo culminou com a aprovação da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, em 1999, que visa “promover os direitos e a proteção das crianças e dos jovens em perigo, garantindo o seu bem-estar e desenvolvimento integral” (Alberto, 2004).

A Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo é aplicada quando se verifica que a criança ou jovem: está abandonada ou vive entregue a si própria; sofre maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais; é obrigada a atividades e/ou trabalhos excessivos inadequados à sua idade, não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade; dignidade e situação pessoal prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento; está sujeita de forma indireta ou direta a comportamentos que afetam gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional; ou assume comportamentos ou se entrega a atividade ou consumos que afetam gravemente a sua sanidade, sem que os pais possam ter qualquer controlo ou forma de os retirar dessa situação. Nestes casos, a lei dispõe de intervenções através das seguintes vias: (a) Entidades com Competência em Matéria de Infância e Juventude (ECMIJ), onde se incluem Instituições Particulares de Solidariedade Social, Lares, Centros de Acolhimento, entre outros; (b) Comissões de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (CPCJP) e (c) Tribunais (Lei n.º 147/99 de 1 de setembro).

Geralmente, os jovens que são negligenciados são frequentemente direcionados para instituições especializadas de acordo com o seu caso, que podem incluir casas de acolhimento temporário, lares para crianças e jovens, ou famílias de acolhimento. Durante este período, a responsabilidade pela tutela dos jovens é assumida pela instituição ou pelo Tribunal, com a possibilidade de contacto com os pais biológicos. Em alguns casos, e quando são implementadas medidas preventivas adequadas para o apoio e supervisão familiar, pode ocorrer o retorno ao ambiente familiar original (Ferreira, 2021).

No contexto institucional, o objetivo é criar um ambiente que simule o ambiente familiar, proporcionando um suporte individualizado e promovendo a integração na comunidade. Com o propósito de garantir o bem-estar dos jovens, facilitar na sua adaptação e promover o seu desenvolvimento num ambiente estruturado e saudável (Pereira & Fernandes, 2020).

Conceito de Criança

Segundo a Convenção sobre os Direitos da Criança, a criança é todo o ser humano menor de 18 anos, isto se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo (United Nations, 1989).

De acordo com a Convenção, a família é um elemento natural e fundamental da sociedade e meio natural para o crescimento e bem-estar de todos os membros pertencentes e, em especial das crianças. Estas devem de receber a proteção e assistências necessárias para desempenhar o seu papel na comunidade. É crucial para a criança e para o desenvolvimento da sua personalidade, crescer num ambiente familiar, em clima de felicidade, amor, compreensão e respeito. Para além disso, é importante preparar a criança para viver uma vida individual e respeitadora no que toca aos ideais da comunidade, isto é, viver num espírito de paz, dignidade, tolerância, liberdade, igualdade e solidariedade (UNICEF, 2019)

No entanto, apesar da família ser importante no sentido de estabelecer vínculos afetivos de qualidade e necessários para o desenvolvimento e bem-estar das crianças, também é no seio familiar que, por razões quase sempre multifatoriais e muito complexas, podem surgir situações em que as necessidades básicas da criança não sejam correspondidas, deixando-as em situações de vulnerabilidade, muitas das vezes de forma grave, comprometendo assim, a sua segurança, bem-estar, saúde, formação, educação e desenvolvimento (Pinquart, 2017).

Nestas situações, o Estado, através da Convenção, deve garantir os cuidados adequados aquando dos pais, ou outras pessoas responsáveis pelo menor não tenham capacidades para o fazer, assegurando a sua proteção do seu meio familiar, zelando para que possa beneficiar de cuidados alternativos ou colocação em instituições apropriadas ou em países onde a adoção é reconhecida ou permitida poderá ser uma opção, isto sem nunca meter em causa o interesse superior da criança. Todas as decisões devem ter em conta a origem cultural da criança (Instituto de Segurança Social, 2017).

A proteção e promoção dos direitos das crianças são regulamentadas por diversos princípios fundamentais, conforme estipulado na Convenção sobre os Direitos da Criança e na Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCL), tais como:

- Interesse Superior da Criança e do Jovem: Este princípio estabelece que as decisões e intervenções devem priorizar os interesses e direitos da criança, satisfazendo as suas necessidades educacionais, físicas e afetivas (United Nations, 1989).
- Privacidade: A LPCL reforça a importância de respeitar a privacidade da criança, incluindo a sua intimidade, imagem e vida privada, como uma forma de garantir o seu bem-estar e dignidade (Instituto de Segurança Social, 2017).
- Interesse Precoce: As intervenções devem ocorrer imediatamente após a identificação de uma situação de perigo, garantindo uma resposta rápida e eficaz para proteger a criança (Instituto de Segurança Social, 2017).
- Intervenção Mínima: A intervenção deve ser restrita às instituições e entidades essenciais para promover e proteger a criança, evitando a sobrecarga desnecessária (Instituto de Segurança Social, 2017).
- Proporcionalidade e Atualidade: As ações devem ser proporcionais e adequadas à gravidade da situação de perigo, utilizando medidas estritamente necessárias para resolver a situação (Instituto de Segurança Social, 2017).
- Responsabilidade Parental: O objetivo é garantir que os pais assumam a responsabilidade por suas ações e trabalhem para manter a criança no seu ambiente familiar, sempre que possível (Instituto de Segurança Social, 2017).
- Primado da Continuidade das Relações Psicológicas Profundas: As intervenções devem respeitar e preservar as relações afetivas significativas para o desenvolvimento saudável da criança (Instituto de Segurança Social, 2017).
- Prevalência da Família: Deve-se promover a permanência da criança no seu ambiente familiar, priorizando as medidas que integrem a criança na família biológica ou, se necessário, por meio de adoção ou outras formas de integração familiar estável (Instituto de Segurança Social, 2017).
- Direito à Informação: Crianças, jovens e os seus responsáveis legais têm o direito de ser informados sobre seus direitos, os motivos das intervenções e o processo a ser seguido (Instituto de Segurança Social, 2017).
- Audição Obrigatória e Participação: Crianças a partir dos 12 anos têm o direito de participar nas decisões sobre as intervenções que as afetam, e as suas opiniões

devem ser consideradas nos processos decisórios (Instituto de Segurança Social, 2017).

Distinção entre o Risco e o Perigo

De acordo com o Despacho n.º 31292/2017, de 5 de dezembro, a definição de risco de ocorrência de maus-tratos em crianças e jovens é mais vasto e abrangente do que as ocorrências de perigo definidas pela lei, podendo levantar maiores dificuldades na distinção entre ambas. As situações de risco implicam um perigo iminente para a efetivação dos direitos da criança, no que toca à segurança, saúde, formação, educação e desenvolvimento, isto é, que ponham em causa as necessidades básicas do menor. Se estes comportamentos de risco se mantiverem ou agudizarem em determinadas circunstâncias, podem eventualmente conduzir a situações de perigo, na ausência de fatores de proteção e promoção das crianças e jovens.

No entanto, nem todas as situações de perigo advém, obrigatoriamente, de episódios de risco anteriormente identificadas. Podem também surgir a partir de acontecimentos de crise aguda, como por exemplo, morte, separação ou divórcio por parte dos progenitores. Se existem diferenças no que toca ao conceito e gravidade das situações de risco e perigo, a intervenção também vai ser distinta entre ambas. Nas situações de risco, o foco da intervenção centra-se na superação, tendo como objetivo a prevenção primária e secundária das situações de perigo, através da implementação de políticas, estratégias e ações. Estas políticas são destinadas, geralmente, à comunidade ou a grupos específicos de famílias e crianças em situações de maior vulnerabilidade, através de campanhas de informação e prevenção, respostas de apoio à família, à criança e ao jovem (Rendimento Social de Inserção, habitações sociais, prestações sociais, alargamento da rede pré-escolar), entre outras. Em situações de perigo, a intervenção tem como objetivo remover o perigo existente em que a criança ou jovem se encontra, com aplicação de medidas de promoção e proteção, e ainda proporcionando a prevenção de reincidências e a compensação e superação das consequências dessas situações (Despacho n.º 31292/2017, de 5 de dezembro).

Denúncia das Situações de Perigo

Qualquer indivíduo que tenha conhecimento da ocorrência de situações de perigo é obrigado a comunicar às entidades competentes em matéria de infância e juventude, nomeadamente, às entidades policiais, autarquias locais, serviços de saúde, segurança social, escolas e associações desportivas culturais e recreativas (Instituto de Segurança Social, 2017). Assim sendo, segundo a LPCJP, na promoção e proteção das crianças jovens, a primeira linha de intervenção pertence às entidades competentes em matéria de infância e juventude (Lei n.º 147/99 de 1 de setembro).

Estas entidades comunicam com a CPCJ as situações de perigo de que têm conhecimento no exercício das suas funções sempre que não possam assegurar no tempo adequado a segurança que a situação possa exigir. Caso não seja possível eliminar a situação de perigo por parte da CPCJ, recorre-se ao Tribunal em último recurso, como por exemplo, em situações em que não exista colaboração por parte dos progenitores ou do próprio jovem cuja faixa etária seja igual ou superior a 12 anos (Instituto de Segurança Social, 2017).

Medidas de Proteção e Promoção

As medidas de promoção e proteção, de acordo com o artigo 35.º da LPCP, são realizadas no meio natural de vida ou em regime de colocação, dependendo da sua natureza, e podem ser decididas a título temporário. As medidas no âmbito natural dizem respeito ao apoio juntos dos pais; apoio junto de outro familiar; confiança à pessoa idónea e apoio para a autonomia de vida (Lei n.º 147/99 de 1 de setembro).

No que toca às medidas de colocação são da responsabilidade das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens e dos Tribunais, nomeadamente, ao acolhimento familiar; acolhimento residencial e por fim, confiança à pessoa selecionada para a adoção ou a instituição com vista a futura adoção (Despacho n.º 31292/2017, de 5 de dezembro).

De acordo com a LPCJP, o acolhimento residencial de crianças e jovens “consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações, equipamento de acolhimento e recursos humanos permanentes, devidamente dimensionados e habilitados, que lhes garantam os cuidados adequados”; “tem como finalidade contribuir para a criação de condições que garantam a adequada satisfação de necessidades físicas, psíquicas, emocionais e sociais das crianças e jovens e o efetivo

exercício dos seus direitos, favorecendo a sua integração em contexto sociofamiliar seguro e promovendo a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral” (Lei n.º 147/99 de 1 de setembro).

As instituições de acolhimento podem ser públicas ou cooperativas, sociais ou privadas com acordo de cooperação com o Estado, nomeadamente com o Instituto da Segurança Social I. P. podem também ser instituições de acolhimento a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e a Casa Pia de Lisboa, I.P (Instituto de Segurança Social, 2020).

O acolhimento residencial tem como metas principais: a) Atender adequadamente às necessidades físicas, emocionais, educacionais e sociais da criança ou jovem. b) Estabelecer vínculos afetivos seguros e estáveis, essenciais para o desenvolvimento harmonioso da personalidade da criança ou jovem. c) Reduzir o impacto emocional negativo causado por situações de perigo enfrentadas pela criança ou jovem. d) Desenvolver habilidades que favoreçam a valorização pessoal, social, escolar e profissional. e) Facilitar a construção da identidade da criança ou jovem e a integração de sua história de vida. f) Promover a autonomia progressiva para uma integração plena na sociedade, escola e comunidade (Lei n.º 147/99 de 1 de setembro).

Além disso, durante o acolhimento, deve-se também apoiar o desenvolvimento das competências dos pais ou responsáveis para que possam exercer suas responsabilidades parentais de forma eficaz, sempre respeitando o melhor interesse da criança ou jovem (Instituto de Segurança Social, 2020).

Caraterização das Crianças e Jovens Acolhidos

De acordo com o CASA 2022 – Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens, até ao dia 1 de novembro de 2022, foram acolhidas seis mil e trezentas e quarenta e sete crianças e jovens. Comparativamente aos outros anos, houve um aumento significativo no número de crianças e jovens do sexo feminino e uma diminuição do sexo masculino. Ainda assim, mantém-se prevalência de crianças e jovens do sexo masculino face ao sexo feminino (Instituto de Segurança Social, 2022).

No que diz respeito à distribuição por faixa etária, verificou-se que 65% do número total de crianças e jovens em situação de acolhimento encontram-se na fase da adolescência e início da idade adulta (dos 12 aos 20 anos).

Em relação à tipologia das respostas de acolhimento em 2022, as crianças com seis anos ou menos encontram-se na sua maioria em casas de acolhimento (84,9%) e 7,9% encontram-se em famílias de acolhimento. Relativamente aos jovens com quinze ou mais anos, cerca de 79,1 % encontram-se em casas de acolhimento, 5% em apartamentos de autonomização e 3,3% estão em comunidades terapêuticas (Instituto de Segurança Social, 2022) (Instituto de Segurança Social, 2022).

As crianças e jovens em situação de acolhimento apresentam diversas problemáticas que afetam significativamente o seu desenvolvimento e bem-estar. Entre as principais questões identificadas estão os problemas de comportamento, a deficiência intelectual e as perturbações mentais.

Primeiramente, os problemas de comportamento caracterizam-se por um padrão persistente de ações que violam os direitos básicos de outras pessoas ou desrespeitam normas sociais apropriadas para a idade do indivíduo. Esta problemática é avaliada em diferentes graus de severidade: leve, moderada e grave. Os comportamentos de menor gravidade tendem a estar associados à oposição e à resistência a autoridades, enquanto os comportamentos mais severos envolvem a violação de normas sociais. Estudos indicam que essa problemática é predominantemente observada em jovens do sexo masculino, especialmente na faixa etária de 15 a 17 anos, com uma prevalência de 60,8% nesse grupo (Instituto de Segurança Social, 2022).

As perturbações mentais incluem condições que requerem acompanhamento psiquiátrico ou pedopsiquiátrico frequentemente para a estabilização dos estados emocionais dos jovens, devido a descompensações que prejudicam a sua conexão com a realidade. Em 2022, foi observado que 915 crianças e jovens acolhidos apresentavam diagnósticos de perturbações mentais, com maior incidência entre aqueles com idades entre 15 e 20 anos. Especificamente, 38% dessas crianças e jovens (2.412 indivíduos) receberam acompanhamento psicológico regular, enquanto 27% (1.698 indivíduos) necessitaram de acompanhamento psiquiátrico/pedopsiquiátrico regular. Além disso, 28% faziam uso de medicação psiquiátrica (Instituto de Segurança Social, 2022).

A deficiência intelectual é definida por um funcionamento cognitivo significativamente abaixo da média, acompanhado por limitações importantes no funcionamento adaptativo em áreas como comunicação, cuidados pessoais, vida doméstica, habilidades sociais e relacionamento interpessoal, uso de recursos

comunitários, autossuficiência, trabalho, lazer, saúde e segurança. Dados clínicos revelam que cerca de 10% das crianças e jovens acolhidos (607 indivíduos) foram diagnosticados com deficiência intelectual. Este grupo necessita de intervenções especializadas que abordem não apenas o déficit cognitivo, mas também as competências adaptativas necessárias para a vida diária (Instituto de Segurança Social, 2022).

Em comparação ao ano anterior, 2022 registou um aumento no número de crianças e jovens que receberam cuidados na área da saúde mental. Houve um crescimento significativo no acompanhamento psicológico e psiquiátrico, além de um aumento na administração de medicamentos psiquiátricos. Em relação às consultas de desenvolvimento, também se observou um incremento, passando de 503 crianças e jovens atendidos em 2021 para 577 em 2022, refletindo um esforço contínuo para atender às necessidades dessas populações vulneráveis (Instituto de Segurança Social, 2022).

Relativamente às causas do acolhimento, a principal razão é a negligência, que representa 71,5% dos casos, incluindo a falta de supervisão e acompanhamento familiar. Outra causa significativa é os maus-tratos psicológicos, que podem envolver a exposição a violência doméstica (Instituto de Segurança Social, 2022). A segunda principal causa destaca-se o nível dos cuidados de educação e da saúde, revelando a carência no que toca aos cuidados básicos na rotina do dia-a-dia. Em termos de dados, verificou-se uma maior incidência nas crianças e jovens do sexo masculino, exceto na exposição a modelos parentais desviantes onde a situação é mais vivenciada pelas raparigas. Os “maus-tratos físicos” registou 585 situações, com maior incidência no sexo feminino (52,8%) e nas faixas etárias dos 15 aos 17 anos (32%) e dos 12 aos 14 anos (20%), período da adolescência, define-se por toda e qualquer ofensa física infligida à criança ou jovem através do recurso a força física, de forma intencional, não acidental, a ponto de lhe provocar dano físico, deixando ou não marcas evidentes. Nas situações de violência sexual foram registados 392 casos, sendo que 77% das vítimas eram do sexo feminino e 23% do sexo masculino. Ao observarmos a ocorrência destas situações no sexo feminino, identifica-se que 44% das raparigas estiveram sujeitas a exposição verbal/física a linguagem e/ou comportamento de cariz sexual e 29% referem ter sido vítimas de violação. Na categoria de “Outras situações de perigo”, aglutinou-se um conjunto de situações de perigo, identificando-se com um maior reflexo nas crianças e jovens do sexo masculino do que nas do sexo feminino. As situações de perigo mais observadas são a ausência temporária de suporte familiar, comportamentos desviantes e abandono. No caso

de situações de perigo por comportamento desviante, os principais visados são do sexo masculino (61%) e encontram-se na faixa etária dos 12 aos 17 anos (81,3%) (Instituto de Segurança Social, 2022).

Geograficamente, as crianças e jovens que entram no sistema de acolhimento refletem a realidade demográfica do país, com as regiões do litoral a apresentarem mais situações. O distrito de Lisboa continua a ser o distrito com mais entradas de crianças e jovens para o sistema de acolhimento. O distrito de Portalegre regista os valores mais baixos (Instituto de Segurança Social, 2022).

Teoria da Vinculação

Origem da Teoria da Vinculação

A Teoria da Vinculação surge na segunda metade do século XX e foi desenvolvida através dos trabalhos pioneiros realizados por John Bowlby, que foi considerado como sendo “o pai da teoria da vinculação” (1958) e, mais tarde pela Mary Ainsworth, psicóloga americana, que contribuiu para a teoria através da sua investigação em Baltimore – conhecida como “Situação Estranha” (1967).

John Bowlby define a vinculação como sendo um sistema de comportamento inato, em que durante o primeiro ano de vida, o bebé vai procurar estabelecer uma ligação afetiva com uma figura de referência, com o propósito de garantir a sua sobrevivência através dos comportamentos de cuidado prestados pelo cuidador. Esta interação mãe-bebé surge com a manifestação por parte do bebé através de comportamentos de vinculação, como chorar ou agarrar, com o intuito de chamar a atenção do adulto, para que este satisfaça as suas necessidades de segurança e proteção (Bowlby, 1982) A resposta às necessidades do bebé por parte do adulto, fazem com que o bebé se sinta em segurança em acontecimentos de ameaça ou perigo permitindo assim a exploração ao meio que o rodeia. Por outras palavras, a figura de vinculação influencia a ativação do comportamento de vinculação por parte do bebé, isto porque o cuidador precisa de transmitir disponibilidade e responsividade aquando deste necessita de segurança para retomar a exploração do meio.

Segundo Soares (2021), ao longo do primeiro ano de vida, o comportamento repetitivo de vinculação por parte da figura de referência, a satisfação imediata perante as necessidades do bebe, bem como o desenvolvimento cognitivo da criança, vai levar o

bebé a construir um conjunto de conhecimento e expectativas (o modo como essa figura responde e é acessível aos seus pedidos de proximidade e proteção). Este conjunto de conhecimentos e expectativas são referentes à relação com a figura de vinculação e também à maneira como se relaciona consigo próprio, nomeadamente ao *self*, às suas competências e ao seu potencial. Resumindo, o bebé ao detetar que a figura de vinculação se encontra disponível, irá sentir-se confiante para explorar o ambiente. Desta forma, a figura de vinculação constitui-se como “base segura”, uma vez que no momento da exploração e de descoberta, quando percebe perigo, regressa à figura de apoio com a necessidade de procurar conforto e segurança. Existe uma regulação mútua entre o bebé e a figura de apoio que consequentemente impulsionará o desenvolvimento de representações mentais que irão moldar o seu padrão relacional futuro, influenciando também o modo de organização das cognições, afetos e dos comportamentos (Bowlby, 1998)

Para explicar o desenvolvimento dos modelos mentais que a criança constrói, Bowlby designou-os de “Modelos Internos Dinâmicos” (MID). Estes modelos são elaborados através de componentes afetivas cognitivas, normalmente inconscientes, que formam representações mentais generalizadas sobre si, sobre os outros e o mundo que os rodeia. Estas representações são construídas ativamente pelo indivíduo no seu contexto relacional que vão atuar como guias para a interpretação dos episódios experienciados, condicionando as expectativas e os comportamentos e guiando futuras relações (Bowlby, 1982). Posto isto, podemos concluir que, as primeiras relações do bebé no seu seio familiar vão influenciar o seu modelo de relação, ou seja, vão ajudá-lo a compreender e a interpretar o comportamento dos que lhe são mais chegados, e para além disso vai permitir antecipar e prever as reações do outro. As relações com as suas figuras de vinculação vão influenciar diretamente o comportamento da criança nas relações com o outro e consigo próprio (Sroufe, 2016).

Mary Ainsworth, postula, tal como Bowlby, que a interação mãe bebé tem como base a segurança, portanto a criança utiliza o cuidador como base para explorar o mundo, procurando proximidade com este. Através das suas investigações, a autora considera que a criança é um ser ativo nas suas ações/comportamentos para conseguir aquilo que deseja e que consegue distinguir a sua figura de vinculação do seu núcleo familiar (Guedeney & Guedeney, 2016). Bowlby, acreditava que a vinculação tinha implicações nas diferenças individuais do sujeito, nomeadamente nos domínios da personalidade e na adaptação

socio emocional. Ainsworth e os seus colaboradores, com base na sua teoria “base segura”, realizaram uma investigação que foi denominada de “Situação Estranha” (1978) em Baltimore com o objetivo de analisar essas implicações (Cassidy & Shaver, 2016). O estudo foi desenvolvido numa sala com brinquedos que incluía a observação do comportamento do bebé (um ano de idade) em vários momentos, entre os quais, na ausência da mãe e na presença do desconhecido. A autora chegou à conclusão de que o mais importante nesta experiência não foi a reação do bebé à ausência da mãe, mas o sim o momento do reencontro entre ambos. Ainsworth identificou dois grandes estilos de vinculação: o seguro e inseguro, entre os quais podem ser classificados de: vinculação segura, vinculação ansiosa/ambivalente e vinculação evitante (Ainsworth et al., 1978). Os autores Main e Hesse (1990) destacaram o quarto estilo de vinculação, designado de vinculação desorganizado ou desorientado.

Para além disso, a autora identificou que a qualidade da vinculação está associada significativamente com a sensibilidade materna. Ou seja, as mães que correspondem às necessidades das crianças com mais regularidade são caracterizadas como “seguras”, contrariamente às crianças que têm mães menos sensíveis correm maiores riscos de serem classificadas como “inseguras”. A qualidade ou segurança da relação de vinculação depende da capacidade de resposta da mãe (Ainsworth et al., 1978; Sroufe, 1979)

De acordo com Ainsworth e colaboradores (1978), o padrão de vinculação segura diz respeito à base segura proporcionada pela relação entre a mãe e a criança, dessa forma a criança sente-se segura, confiante para explorar o ambiente. Segundo Bowlby (1980), a criança tem a perceção de segurança internamente, portanto sabe que a ausência da mãe não significa que a abandonou ou rejeitou e que independentemente do que aconteça a figura de vinculação estará sempre disponível para protegê-la e acolhê-la. Na ausência da figura de vinculação, a criança reage emocionalmente e manifesta uma procura ativa pelo cuidador. Contudo quando a mãe regressa, a criança retoma à exploração do meio. Podemos concluir que existe de facto uma alternância equilibrada entre os comportamentos de vinculação e os comportamentos de exploração. As mães destas crianças com um padrão de vinculação segura, apresentaram ser mães atentas e sensíveis às necessidades do menor (Ainsworth et al., 1978).

Já as crianças com um padrão de vinculação inseguro – ansiosa/ambivalente, no momento da separação da mãe manifestaram níveis elevados de ansiedade, pouco ou nenhum interesse em explorar a sala, mantendo-se preocupados com a figura de

vinculação. Quando a mãe regressa à sala, a criança apresenta alguma ambivalência no seu comportamento, alternando em comportamentos de resistência ao contacto, como comportamentos de procura de contacto, isto é, não se aproxima diretamente da figura de vinculação, mas, em alguns momentos, procura pelo contacto da mesma. Para além disso, o bebé apresenta comportamentos de hipervigilância quanto à acessibilidade e não responsividade por parte da mãe, levando assim à inibição da exploração do meio (Cassidy & Shaver, 2016). Segundo Ainsworth e os seus colegas (1978), estes comportamentos por parte da criança estão associados aos cuidados que teve anteriormente, o que sugere que nos momentos em que precisava de segurança e colo o bebé não obteve resposta a essas necessidades, o que leva ao bebé a nutrir sentimentos de insegurança pelos cuidadores devido a esta falta de disponibilidade e responsividade pelos mesmos.

As crianças com um padrão de vinculação inseguro – evitante manifestaram pouca interação e proximidade com os cuidadores nos dois momentos: presença e na ausência da figura de vinculação. No momento do regresso das mães, as crianças não procuraram aproximar-se das mesmas, evitando-as. Este comportamento manifestou-se também com as pessoas desconhecidas durante a ausência da cuidadora. Neste padrão de vinculação verifica-se o predomínio do comportamento exploratório, a criança nos dois momentos centra-se apenas nos brinquedos em relação ao comportamento da vinculação (Cassidy & Shaver, 2016). De acordo com os autores do estudo, estas crianças não procuram conforto e segurança com os cuidadores porque foram expostas a situações de stress, isto é, foram rejeitados em algum momento por eles. Ainda que, as figuras de vinculação demonstrem preocupação, não correspondem aos sinais de necessidade quando a criança os indica. Posto isto, quando as crianças em algum momento se sentem rejeitadas ou as suas necessidades não são mantidas, estas tendem a aprender a ocultá-las (Mónaco et al., 2019).

De acordo com Main e Hesse (1990) as crianças com padrão de vinculação inseguro - desorganizado apresentaram no momento da separação comportamentos contraditórios. Durante o momento de presença do cuidador, as crianças manifestavam comportamentos de impulsividade, por um lado estes desejavam aproximar-se dos cuidadores, por outro têm medo porque não se sentiam confiantes para tal. Segundo os autores, estas crianças viviam em constante conflito, uma vez que os cuidadores não apresentavam comportamentos de conforto e proteção, mas transmitiam sim medo e aflição. Logo não conseguem lidar com o que os assusta. Este padrão de vinculação é

geralmente associado a fatores de risco e aos maus-tratos infantis em que o cuidador é, muitas vezes, caracterizado pela criança como o abusador/agressor (Breidenstine et al., 2016).

Resumindo, os padrões de vinculação estabelecidos na infância têm um impacto profundo e duradouro sobre o desenvolvimento emocional e social da criança. A segurança e a consistência nas interações com os cuidadores proporcionam uma base sólida para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, influenciando positivamente a forma como a criança interage com os pares e enfrenta desafios relacionais ao longo da vida (Delgado et al., 2022).

Vinculação em Adolescentes Institucionalizados

À luz da Teoria da Vinculação, a adolescência é um período de uma grande transformação, em que naturalmente surge um distanciamento por parte das figuras de vinculação, para dar espaço à criação de novos laços de vinculação. Este comportamento do adolescente em relação às suas figuras de vinculação pode ser percebido como contraditório, confuso, conflituoso isto se não for incluído no contexto destas mudanças comportamentais da adolescência. Segundo a literatura, os sistemas de vinculação têm um papel fundamental no desenvolvimento do adolescente, nomeadamente na autonomização, como no desenvolvimento da identidade do ego e no desenvolvimento social e emocional. Portanto, padrões seguros em relação às figuras de vinculação predizem um bom funcionamento adaptativo numa variedade de situações para o adolescente (Bowlby, 1982)

Na conceptualização da Teoria da Vinculação, John Bowlby, através do conhecimento empírico das experiências desenvolvidas pelos seus percursores, partiu do pressuposto de que as separações prolongadas por parte da figura de vinculação levavam as crianças a experienciarem sentimentos de abandono e rejeição. Estes sentimentos refletiam-se em perturbações do comportamento e em dificuldades no relacionamento. Geralmente nestas situações de perda ou separação, o sentimento de raiva torna-se cada vez mais frequente, podendo intensificar-se de modo disfuncional. As crianças apresentavam-se emocionalmente reprimidas e isoladas, não estabeleciam relações afetivas saudáveis nem com as outras crianças como os adultos, revelavam-se indiferentes, tímidas, infelizes e retraídas (Bowlby, 1981, 1984).

De acordo com a literatura, a transição do adolescente para o acolhimento residencial pode dever-se a inúmeras situações, nomeadamente ao abandono, à negligência parental, ao abuso, ou pelas dificuldades dos cuidadores primários em assegurar condições emocionais, sociais e económicas para um desenvolvimento saudável das crianças (Pereira & Fernandes, 2020). Posto isto, as figuras de referência caracterizam-se como um grupo de risco para o desenvolvimento de padrões inseguros.

Através dos estudos com crianças romenas institucionalizadas desenvolvidos por Zeanah et al., (2005) concluíram que nesta população existe uma perturbação reativa de vinculação devido ao acolhimento residencial, levando a padrões de vinculação disfuncionais com as figuras cuidadoras. As crianças tendem a apresentar comportamentos agressivos, tendo como meios de comunicação a violência e na maioria das vezes o caminho escolhido pelos jovens passa pela delinquência (Guerra 2008). Por outras palavras, jovens com estilo de vinculação inseguro são mais propensos para se envolver em comportamentos de risco, apresentar problemas comportamentais e ter dificuldades com a regulação emocional, como por exemplo a impulsividade (Mónaco et al., 2019).

O acolhimento residencial pode ser uma medida de promoção e proteção, podendo fornecer um espaço de proteção, promovendo não apenas bem-estar, mas também padrões relacionais e comportamentais mais adaptativos em adolescentes. (Mota & Matos, 2015).

Relações com os Pais e Pares

Apesar da capacidade de desenvolver uma rede de apoio social e a própria manutenção de relacionamentos íntimos sejam fundamentais para o bem-estar ao longo do tempo, estas simples tarefas podem ser desafiadoras para determinadas crianças e jovens (Aziz, et al., 2021). De acordo com a literatura, os adolescentes institucionalizados reconhecem a dificuldade que sentem em formar ou manter amizades, uma vez que carecem de cuidados, de apoio, de segurança, de habilidades sociais e por expressarem comportamentos sociais desinibidos em relação a estranhos e colegas (Dykas et al., 2008).

O adolescente quando dá entrada numa instituição passa por vários desafios, entre os quais lidar com a separação da família, com os medos, inseguranças, angústia de ansiar por uma solução, o que pode condicionar o desenvolvimento emocional (Fonseca, 2017).

O desenvolvimentos de relações afetivas com os cuidadores e com os grupos de pares podem facilitar a expressão de ideias e sentimentos, fomentando a empatia, as competências sociais e comportamentais (Mota & Matos, 2015). Além dos cuidadores, outras figuras significativas, como professores, funcionários, os irmãos também, especialmente em casos de abandono ou negligência parental (McHale et al., 2020).

Para além das características individuais dos adolescentes, a adaptação ao ambiente institucional está também associada às experiências anteriores que ocorreram na infância (Armsden et al., 1987). Os adolescentes que entram numa instituição, geralmente, acarretam uma bagagem de relações inseguras com os cuidadores de vinculação. Segundo o estudo desenvolvido por Bakermans-Kranenburg et al. (2011), com crianças institucionalizadas, estes pretendiam avaliar a qualidade da vinculação aos cuidadores primários e os resultados revelaram que 73% das crianças apresentaram uma vinculação insegura e desorganizada.

De realçar que estes adolescentes se encontram numa fase de formação da sua identidade individual, logo esta dificuldade em aproximar ou manter contacto com o outro pode levar à formação de uma identidade difusa, a problemas de saúde mental, nomeadamente depressão, à atividade sexual precoce e à externalização de sintomas (Johnson & Gunnar 2011). Portanto, a situação da institucionalização pode fragilizar, numa fase precoce, a rede de apoio dos adolescentes, pela perda de sentido de pertença. É fundamental o jovem sentir “parte de” para fomentar o crescimento da competência individual e potencializar a autoimagem e o sentido de autoeficácia (Martins & Neto, 2016). Retirei a última frase

Autoestima

Segundo Rosenberg (1986), a autoestima refere-se à avaliação que o indivíduo faz de si mesmo, podendo ser classificada como positiva ou negativa com base nesse julgamento. Essas crenças e avaliações influenciam a perceção de identidade do indivíduo e orientam as suas ações e decisões. A autoestima é uma constante ao longo da vida, começando o seu desenvolvimento na infância a partir das interações com o ambiente familiar. O ambiente familiar desempenha um papel crucial na definição do que é considerado bom ou desfavorável, e as avaliações feitas pelos membros da família têm um impacto significativo na forma como a criança se vê. Assim, as figuras de vinculação

desempenham um papel fundamental na formação e manutenção da autoestima do indivíduo (Seitún & Di Bártolo, 2019).

De acordo com a Teoria de Vinculação, os indivíduos com um padrão de vinculação seguro apresentam uma maior autoestima comparativamente com indivíduos com um padrão inseguro devido às suas experiências passadas. As crianças com um padrão seguro, padecem de sentimentos de confiança, sentem-se amadas e desenvolvem um autoconceito positivo porque os cuidadores mostram-se sempre disponíveis para dar feedback, proteger e acolher as necessidades da criança, resultando assim numa autoestima positiva (Homola & Oros, 2023). Já as crianças com um padrão de vinculação inseguro, recebem pouco feedback, ou se recebem é instável. Maioritariamente sem apoio, estes sujeitos desenvolvem pensamentos negativos (“as pessoas não são de confiança e/ou imprevisíveis”) acerca do outro e percebem-se a si próprias como não sendo merecedoras de serem amadas, o que resulta de uma menor autoestima (Keizer et al., 2019). Quando isto ocorre, as crianças vão procurar a avaliação na relação com os seus pares (Seitún & Di Bártolo, 2019).

No contexto dos jovens em regime institucional, podemos verificar que os adolescentes desenvolvem sentimentos menos positivos e de insegurança acerca de si próprios devido aos cuidados que receberam por parte dos cuidadores, caracterizados assim com um estilo de vinculação inseguro (Yunes et al., 2004). De acordo com a literatura mencionada anteriormente, é possível perceber que essa insegurança é frequentemente refletida em baixa autoestima e dificuldades em estabelecer relações interpessoais saudáveis. Estes jovens podem apresentar dificuldades em confiar nos outros, uma vez que a instabilidade emocional e a falta de suporte consistente durante a infância influenciam negativamente a forma como se percebem a si mesmos e às suas relações sociais.

Além disso, a falta de continuidade e a imprevisibilidade nos cuidados recebidos nas instituições podem levar à formação de um autoconceito negativo, onde os adolescentes se veem como indesejáveis ou não dignos de afeto e apoio. Esses padrões de vinculação inseguro frequentemente resultam em comportamentos de procura de validação em contextos sociais, onde os jovens podem tentar compensar a ausência de suporte emocional estável através da aceitação e aprovação dos pares (Seitún & Di Bártolo, 2019).

A literatura sugere que a experiência institucional pode dificultar essas questões, com os adolescentes enfrentando não apenas os desafios de adaptação a um novo ambiente, mas também lutando para superar as consequências emocionais e comportamentais de padrões de vinculação disfuncionais. Isso pode impactar a sua capacidade de formar vínculos saudáveis e de experimentar um desenvolvimento emocional e social positivo (Fonseca, 2017; Mota & Matos, 2015).

O Presente Estudo

Considerando a literatura supramencionada, explorar a autoestima como mediador pode revelar como diferentes estilos de vinculação (seguro ou inseguro) afetam a autoestima dos jovens e como essa autoestima influencia a forma como estes se relacionam com os pais e pares (Bowlby, 1988).

Esta identificação e compreensão é crucial para detetar os fatores de risco que podem contribuir para as dificuldades emocionais e comportamentais, bem como para reconhecer os fatores de proteção que podem promover um desenvolvimento mais saudável. Em jovens institucionalizados, a autoestima pode mediar a relação entre os estilos de vinculação e a qualidade das relações interpessoais. Compreender essa mediação ajuda a identificar como as experiências passadas com cuidadores influenciam a autopercepção e, conseqüentemente, as relações sociais e familiares. Isso permite uma visão mais profunda das dinâmicas emocionais e sociais desses jovens (Rosenberg, 1965).

Compreender o papel mediador da autoestima pode fomentar a criação de intervenções mais eficazes para jovens institucionalizados. Se a autoestima se revela um mediador significativo, então intervenções que visem melhorar a autoestima podem ser benéficas não só para melhorar o bem-estar emocional dos jovens, mas também para fortalecer as suas relações com os pais e pares. Isso pode incluir programas de apoio psicológico e social que abordem diretamente a construção da autoestima e a formação de vínculos saudáveis (Fonseca, 2017).

Assim, a presente investigação tem como objetivo principal avaliar o papel mediador da autoestima entre os estilos de vinculação e as relações com os pais e pares em jovens institucionalizados. A partir deste objetivo formularam-se as seguintes hipóteses:

- H1.** Estilos de vinculação segura estão correlacionados com níveis superiores de autoestima e perceções mais positivas das relações com os pais e pares (i.e., níveis superiores de confiança e comunicação);
- H2.** Estilos de vinculação ansiosa/ambivalente e evitante estão correlacionados com níveis inferiores de autoestima e perceções mais negativas das relações com os pais e pares (i.e., níveis inferiores de confiança e comunicação);
- H3.** Níveis inferiores de autoestima estão correlacionados com perceções mais negativas das relações com os pais e pares (i.e., níveis inferiores de confiança e comunicação);
- H4.** A autoestima tem um papel mediador entre os estilos de vinculação e as relações com os pais e pares;
- H5.** Existem diferenças na autoestima e nas relações com os pais e pares em função do sexo;
- H6.** Existem diferenças na autoestima e nas relações com os pais e pares em função do tempo em que o jovem se encontra institucionalizado;
- H7.** Existem diferenças na autoestima e nas relações com os pais e pares em função da frequência do contacto com a família e da situação dos irmãos.

Método

O presente estudo apresenta-se como um estudo quantitativo, na medida em que se baseou na medição de variáveis – vinculação, autoestima e relação com os pais e pares – resultado de testes, usando um sistema numérico, analisando essas medições através de modelos estatísticos e relatando relações e associações entre as variáveis estudadas. É de natureza correlacional, porque visou identificar e analisar a associação entre as variáveis sem controlar ou manipular nenhuma delas, e transversal, porque a recolha de dados decorreu num único momento.

Posto isto, pretendeu-se estudar a associação entre as variáveis de interesse, isto é, vinculação, autoestima e relação com os pais/pares, bem como o efeito da autoestima na associação entre a vinculação aos pais (seguro, evitante, ambivalente e desorganizado) e a relação com os pares.

Além disso, trata-se de um estudo descritivo e transversal, uma vez que houve influência por parte do investigador, ou seja, apenas se observaram e interpretaram os dados recolhidos num único momento. É também comparativo, na medida em que se procurou fazer comparações entre grupos com determinadas características.

Participantes

A amostra do presente estudo é composta por 109 ($n = 109$) adolescentes que se encontram em acolhimento residencial, em que 55 (48.2%) são do sexo feminino e 59 (51.8%) são do sexo masculino. Relativamente à idade, o participante mais novo tem 10 anos e o mais velho 18, sendo a média de idades de 14.7 ($DP = 2.3$). Cerca de 88.1% ($n = 96$) da amostra são de nacionalidade portuguesa e os restantes 11.9% ($n = 13$) são estrangeiros. Em relação ao local de residência, a maioria dos jovens encontra-se em casas de acolhimento (94.5%; $n = 103$), sendo que 33.9% ($n = 37$) está institucionalizado entre 3 a 5 anos, 28.9% ($n = 31$) entre 1 a 2 anos, 22.9% ($n = 25$) há menos de 1 ano e 14.7% ($n = 16$) há mais de 5 anos (Tabela 1).

No que respeita à existência de irmãos, 22% ($n = 24$) dos jovens têm pelo menos 1 irmão, 30.3% ($n = 33$) possuem 2 irmãos, 18.3% ($n = 20$) têm 3 irmãos e 21.1% ($n = 23$) têm mais de 4 irmãos. Os restantes 8.3% ($n = 9$) são filhos únicos. Dos que possuem irmãos, 35.8% ($n = 35.8$) encontram-se a viver com a sua família e 29.4% ($n = 32$) residem

na mesma casa de acolhimento que os participantes. Quanto à figura de referência, 63.3% ($n = 69$) dos jovens consideram a/o mãe/pai, 7.3% ($n = 8$) a/o avó/avô, 12.8% ($n = 14$) mencionaram a/o irmã/irmão e o/a educador/a da casa de acolhimento, 5.6% ($n = 6$) referiram o/a amigo/a e o/a psicólogo/a da casa, 3.6% ($n = 4$) o/a tio/a e o marido/esposa ou namorado/namorada e os restantes 3.6% ($n = 4$) referiram os pais afetivos, o/a primo/a, o padrinho ou a madrinha e, por fim, o/a diretor/a da casa (Tabela 1).

A maioria da amostra 89.9% ($n = 98$) mantêm contacto com a sua família. Realçando-se que, no que toca à sua frequência, cerca de 23.9% ($n = 26$) respondeu “todos os dias”, 18.3% ($n = 20$) “2 ou mais vezes por semana”, 9.2% ($n = 10$) “1 vez por semana” e 38.4% ($n = 42$) assinalaram “fins de semana”, “períodos de férias” e ainda “quinzenal” (Tabela 1).

Tabela 1

Caracterização Sociodemográficas da Amostra ($n = 109$)

	<i>n</i>	%
Sexo		
Masculino	59	54.1
Feminino	50	45.9
Nacionalidade		
Portuguesa	96	88.1
Estrangeira	13	11.9
Local de Residência		
Em Casa de Acolhimento	103	94
Em Apartamentos de Autonomização	3	2.8
Em Centro de Acolhimento Temporário	3	2.8
Duração do Acolhimento		
Menos de 1 ano	25	22.9
1 a 2 anos	31	28.4
3 a 5 anos	37	33.9
Mais de 5 anos	16	14.7
Tem irmãos?		
0	9	8.3
1	24	22
2	33	30.3
3	20	18.3
4 ou mais	23	21.1

Situação dos irmãos		
Com a Minha família	39	35.8
Na mesma Casa de acolhimento	32	29.4
Noutra Casa de acolhimento	4	3.7
Numa Família de acolhimento	2	1.8
Outra Situação	24	22
Figura de Referência		
Não considera ninguém	2	1.8
Pai/Mãe	69	63.3
Avô/Avó	8	7.3
Irmã/Irmão	7	6.4
Educador/a da Casa	7	6.4
Amigo/a	3	2.8
Psicólogo/a da Casa	3	2.8
Marido/Esposa ou Namorado/Namorada	2	1.8
Tio/Tia	2	1.8
Pais Afetivos	1	0.9
Primo/a	1	0.9
Padrinho/Madrinha	1	0.9
Diretor/a da Casa	1	0.9
Contato com a Família		
Sim	98	89.9
Não	11	10.1
Frequência do Contato		
1 vez por semana	10	9.2
2 ou mais vezes por semana	20	18.3
Fins de semana	14	12.8
Períodos de férias	14	12.8
Quinzenal	14	12.8
Todos os dias	26	23.9

Instrumentos

Para a realização do presente estudo foi utilizado um formulário constituído pelos seguintes instrumentos: (a) um Questionário Sociodemográfico; (b) a escala Pessoas da Minha Vida (PIML; versão portuguesa de Moreira, Fonseca & Canavarro, 2013); (c) a Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES; versão portuguesa de Pechorro, Marôco, Poiães & Vieira, 2011); e (d) o Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência (IVIA; Carvalho, Soares & Baptista, 2006).

Questionário Sociodemográfico

O Questionário Sociodemográfico foi construído, especificamente, para este estudo, no qual foi inferida informação sobre as variáveis de caracterização dos participantes: idade, sexo, nacionalidade, local de residência, duração do acolhimento, número de irmãos, onde se encontram, figura de referência, contacto com a família e a sua frequência.

Pessoas da Minha Vida

O Pessoas da Minha Vida (PIML; Moreira, Fonseca & Canavarro, 2013) é um instrumento de autorrelato que avalia a vinculação de crianças e adolescentes aos seus pais e pares. Por outras palavras, pretende avaliar as perceções dos jovens sobre as suas relações afetivas com pessoas próximas, seguido o modelo do *Inventor of Parent and Peer Attachment* (IPPA – Armsden & Greenberg, 1987).

Originalmente criado por Ridenour, Greenberg, & Cook (2006, cit por Moreira, Fonseca & Canavarro, 2013) este instrumento está dividido em duas escalas que podem ser utilizadas separadamente: uma avalia a vinculação com os pais (21 itens) e a outra está destinada a avaliar a vinculação com os pares (27 itens). As duas escalas são compostas por três fatores: (a) Confiança (10 itens na versão dos pais - e.g., “Os meus pais respeitam os meus sentimentos” - e 12 itens na versão dos pares – e.g., “Os meus amigos aceitam-me tal como sou”); (b) Comunicação (5 itens na versão dos pais e dos pares - e.g., “Eu falo com os meus pais quando tenho um problema” e “Eu falo com os meus amigos quando tenho um problema”); e (c) Alienação (5 itens na versão dos pais - e.g., “Eu sinto-me zangado com os meus pais” - e 7 itens na versão dos pares – e.g., “Eu sinto-me zangado com os meus amigos”). A escala para os pares apresenta um fator adicional, que diz respeito à Delinquência, contudo esta não apresentou valores significativos aquando da sua validação para a população portuguesa, portanto, não será considerada na presente investigação.

Na versão portuguesa, verificou-se que todos os itens pertencentes a cada subescala se correlacionavam entre si, mas nem todas as correlações item-total corrigidas encontravam-se acima de 0.30, como por exemplo o item 15 na versão dos pais e 3 itens da escala dos pares (itens 14, 22 e 26). Posto isto, foram eliminados das subescalas o que resultou num aumento no coeficiente de Alfa de Cronbach da escala correspondente. Na

investigação presente, foi igualmente excluído o item 15 (“Os meus pais não compreendem o que ultimamente se está a passar comigo”) pertencente à subescala da Alienação na versão dos pais.

Além disso, foram ainda excluídos os seguintes itens: (a) item 12 (“Quando estou longe de casa, os meus pais sabem onde estou e com quem”); (b) item 13 (“A minha casa é um bom lugar para viver”, pertencentes à dimensão de Confiança; e (c) o item 19 (“Eu sinto-me assustado na minha casa”) que está integrado na escala da Alienação. Estes itens foram retirados tendo em conta a especificidade da investigação, uma vez que a amostra se trata de jovens que se encontram a residir em casas de acolhimento, podendo assim haver a possibilidade de causar algum desconforto e mal-estar aos participantes.

Importa ainda notar que as respostas aos itens são realizadas através de uma escala de tipo *Likert* com quatro pontos (Quase nunca ou nunca é verdade = 1; Às vezes é verdade = 2; Muitas vezes é verdade = 3 e É quase sempre ou sempre verdade = 4). E a pontuação total do instrumento é obtida através da média das pontuações alcançadas em cada um dos fatores, tendo em conta que as dimensões da Alienação são constituídas unicamente por itens invertidos, logo são cotados de forma inversa.

Posto isto, procedeu-se à realização de uma análise fatorial confirmatória (AFC) através do *software* SPSS-AMOS (v.20, SPSS, Inc., Chicago, IL), a fim de compreender a adequabilidade do modelo com a exclusão dos itens acima referidos.

Recorremos ao critério de Kaiser–Meyer–Olkin (KMO) para avaliar a adequação da amostra, observando-se um valor de .93, considerado excelente para a análise fatorial de acordo com os critérios de classificação definidos em Marôco (2021). Da mesma forma, o teste de esfericidade de Bartlett demonstrou-se como estatisticamente significativo ($p < .001$), indicando que as variáveis estão positivamente correlacionadas.

Testados vários modelos (Anexo A), optou-se pelo modelo com estrutura fatorial original, mas com exclusão dos itens 12,13, 15 e 19 (Modelo 3, Tabela 2; Figura 1), pois revelou índices de qualidade do ajustamento adequados – Teste de Ajustamento do χ^2 ($p < .001$) e índices RMSEA, CFI e TLI (Marôco, 2021). O Modelo 4 (Tabela 2) também mostrou bons índices, mas considerando que a estrutura fatorial é diferente da escala original e da versão portuguesa, foi rejeitado.

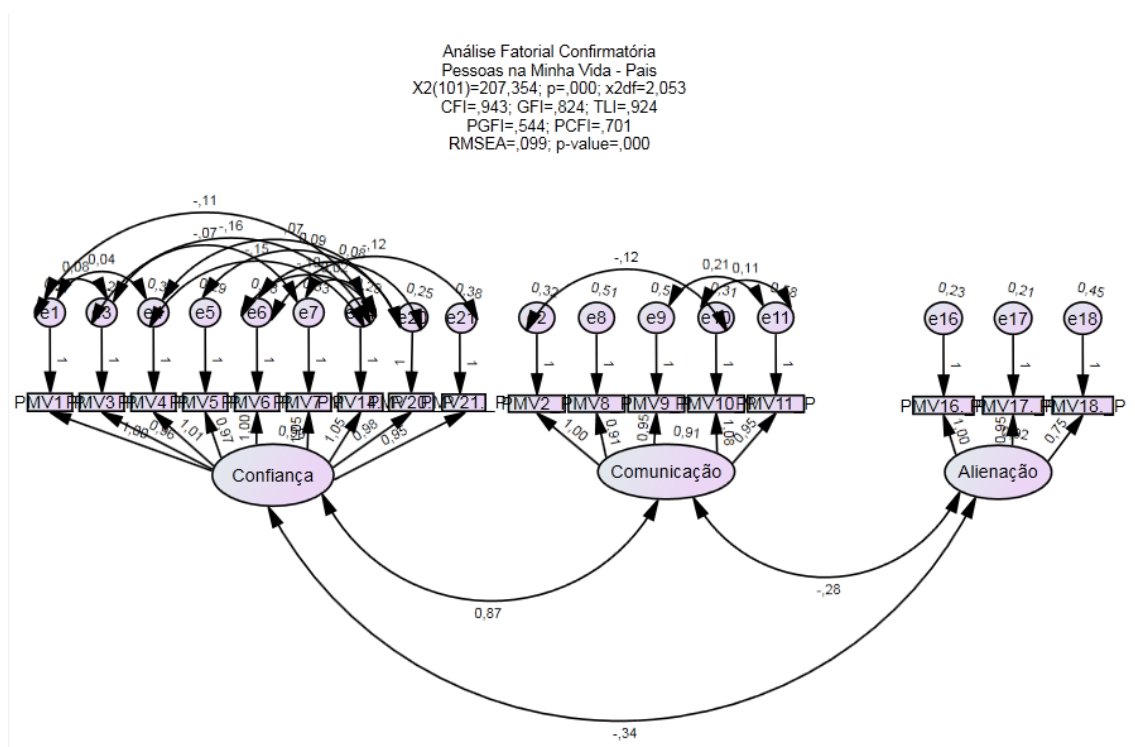
Tabela 2

Índices de Qualidade do Ajustamento em Diferentes Modelos Testados

	X²	X² /gl	CFI	TLI	RMSEA
Modelo 1 (s/ itens 12, 13 e 19)	369,582	2,800	0.874	0.854	0.129
Modelo 2 (s/ itens 12, 13 e 19 e refinado)	234,308	2,003	0.938	0.919	0.096
Modelo 3 (s/ itens 12, 13, 15 e 19 e refinado)	207,354	2,053	0.943	0.924	0.099
Modelo 4 (sem itens 12, 13, 15 e 19, com alteração dos itens dos fatores Confiança e Comunicação e refinado)	211,967	1,910	0,946	0,934	0,092

Figura 1

Modelo PIML – Pais



A versão portuguesa do PIML demonstrou uma boa consistência interna, revelando um Alfa de Cronbach de .89 tanto na escala total de vinculação aos pais como de vinculação aos pares. No presente estudo, observaram igualmente valores adequados de consistência interna na versão dos pais ($\alpha_{\text{confiança}} = .96$; $\alpha_{\text{comunicação}} = .91$; $\alpha_{\text{alienação}} = .72$) e na escala dos pares ($\alpha_{\text{confiança}} = .95$; $\alpha_{\text{comunicação}} = .85$; $\alpha_{\text{alienação}} = .77$), apesar da exclusão de itens para adequação do instrumento ao contexto do estudo.

Escala de Autoestima de Rosenberg

A Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES; Pechorro, Marôco, Poiães & Vieira, 2011) corresponde a uma medida breve de autoavaliação que mede a autoestima em adolescentes e adultos. A escala original desenvolvida por Rosenberg (1989, cit por Pechorro, Marôco, Poiães & Vieira, 2011) é constituída por 10 itens, tal como no questionário na versão portuguesa, com um formato de resposta tipo *Likert* de quatro pontos (Discordo fortemente = 0; Discordo = 1; Concordo = 2 e Concordo fortemente = 3), realçando-se que cinco itens apresentam uma orientação positiva e os restantes cinco são de carácter negativo. A pontuação total é obtida através da média dos 10 itens após ser realizada a reversão dos itens apropriados (itens 2,5,6, 8 e 9), variando de 0 a 3, em que pontuações mais elevadas indicam níveis superiores de autoestima.

No que diz respeito às qualidades psicométricas, a escala original apresenta uma boa consistência interna, com um valor de Alfa de Cronbach de .77 a .88 e uma boa estabilidade temporal. A escala adaptada para Portugal revelou também uma consistência interna adequada, com um valor de Alfa de Cronbach de .86 e uma boa estabilidade temporal. No presente estudo, o valor de Alfa de Cronbach foi de .79.

Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência

O Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência (IVIA; Carvalho, Soares & Baptista, 2006) é um instrumento que permite avaliar os comportamentos de vinculação na infância e na adolescência, tendo sido desenvolvido com base nos modelos teóricos de Bowlby (1969; 1973, 1980 cit. por Carvalho, 2007), bem como Ainsworth e colaboradores (1978 cit. por Carvalho, 2007). Este instrumento tem duas versões: autoavaliação preenchida pela criança ou adolescente e a heteroavaliação destinada aos pais ou prestadores de cuidados do menor. No presente estudo, foi apenas aplicado a versão de autoavaliação.

Esta escala é composta por 36 itens, mas no momento da cotação são considerados apenas 24 itens. Os itens são tripartidos por três dimensões da vinculação: (a) Vinculação Segura (8 itens; e.g., “Sei que as outras pessoas estarão presentes quando eu necessitar delas”); (b) Vinculação Ansiosa/ambivalente (8 itens; e.g., “Preocupo-me com a possibilidade de ficar sozinho/a”); e (c) Evitante (8 itens; e.g., “Prefiro não mostrar os

meus sentimentos”). Estes itens são avaliados por intermédio de um formato de resposta de tipo Likert de cinco pontos (Nunca = 1; Algumas vezes = 2; Muitas vezes = 3; Quase sempre = 4; Sempre = 5). O IVIA permite obter um resultado para cada uma das dimensões que o compõem através da média das respostas dos participantes aos itens correspondentes, que pode variar entre 8 a 40.

Relativamente à consistência interna, o estudo original demonstrou níveis adequados tanto para a versão de autoavaliação ($\alpha_{\text{vinculação segura}} = .83$; $\alpha_{\text{vinculação ansiosa/ambivalente}} = .85$; $\alpha_{\text{vinculação evitante}} = .71$) como para a versão de heteroavaliação ($\alpha_{\text{vinculação segura}} = .81$; $\alpha_{\text{vinculação ansiosa/ambivalente}} = .82$; $\alpha_{\text{vinculação evitante}} = .72$). Em ambas as versões, as correlações inter-itens variaram entre .35 e .45 e as correlações item-total variaram entre .40 e .70, demonstrando a fidelidade das dimensões obtidas. No que diz respeito ao presente estudo, obtivemos valores igualmente adequados de consistência interna ($\alpha_{\text{vinculação segura}} = .90$; $\alpha_{\text{vinculação ansiosa/ambivalente}} = .85$; $\alpha_{\text{vinculação evitante}} = .71$).

Procedimento

Em primeiro lugar, começou-se por solicitar autorização aos autores das versões portuguesas dos instrumentos para sua utilização (Anexo B).

Em seguida, para a obtenção da amostragem, foi elaborada uma pesquisa sobre as casas de acolhimento de crianças e jovens em perigo quer a nível nacional como continental. O próximo passo foi contactar as instituições por via telefónica a solicitar o respetivo email dos responsáveis dos jovens acolhidos, de maneira a dar a conhecer o objetivo do estudo, informações acerca da ética profissional, bem como os cuidados que foram tidos no decorrer da investigação de modo a evitar e a minimizar qualquer tipo de dano ao participante e solicitar autorização para a participação dos jovens.

No total, foram contactadas mais de 30 instituições, contudo apenas obtivemos uma resposta positiva de 20 instituições, das quais foram: ADM Estrela, Associação Social e Desenvolvimento (Castelo Branco); Casa da Infância e Juventude – CIJE (Castelo Branco); Abrigo de São José - Obra de Socorro Familiar (Fundão); Instituto de Educação Infantil (Manteigas); Aldeia SOS (Guarda); Associação Uma Porta Amiga (Tavira); Casa de Formação Cristã da Rainha Santa (Coimbra); Instituto Cristão Pina Ferraz (Penamacor); Instituto Centro da Mãe (Funchal); Obra do Padre Américo (São Miguel); Casa de Ação Social do Santuário de Fátima (São Miguel); Fundação Maria

Droste – Lar (Lisboa); Casa de Acolhimento Emília Figueiredo – ASCRA (Porto); Associação Teatro Construção (Porto); Instituto Casa Dr. Alves (Ourém); Casa do Vale (Porto); Associação Sol (Lisboa); Centro Social Paroquial da Santíssima Trindade da Tabua (Madeira); Instituto Juvenil Lopes e Vicunha (Fátima) e A Comunidade Juvenil Francisco de Assis (Coimbra).

Após a receção do consentimento informado (Anexo C) preenchido por parte dos diretores/tutores, foi enviado novamente via email o questionário pela plataforma *Google Forms*, a solicitar o preenchimento por parte dos jovens. O questionário foi administrado entre fevereiro e maio de 2024, sendo inicialmente apresentado o consentimento informado dos participantes, expondo o objetivo do estudo e a duração esperada (aproximadamente 10 minutos), assim como a garantia do anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos, podendo os inquiridos, de livre vontade, aceitar ou não a participar.

O formulário de recolha de dados foi composto pelos seguintes instrumentos por esta mesma ordem: (a) Questionário Sociodemográfico; (b) escala “Pessoas da Minha Vida”; (c) Escala de Autoestima de Rosenberg; e (d) o Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência” (Anexo D).

Relativamente aos critérios de exclusão, uma vez que o estudo era dedicado apenas a uma população alvo, o único critério pedido era que os participantes tivessem idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos.

Análise de Dados

A análise de dados foi realizada com recurso ao *software* IBM SPSS, versão 29, sendo que, primeiramente, realizaram-se análises descritivas para calcular os valores mínimos e máximos, as médias, desvios-padrões, bem como a assimetria e curtose das variáveis em estudo (i.e., relação com os pais e pares, autoestima e vinculação), para avaliar as propriedades distributivas dos itens. Considerou-se que os itens com valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e curtose inferiores a 10 não se desviaram o suficiente da distribuição normal (Maroco, 2010).

Posteriormente, foram realizadas correlações de *Pearson* com o objetivo de analisar as associações entre a relação com os pais e pares, autoestima e vinculação. De referir que foram considerados os seguintes critérios para a avaliação da intensidade das mesmas (Cohen, 1988): (a) Correlações fracas .10 – .29; (b) Correlações moderadas .30

– .49; e (c) Correlações fortes .50 – 1. Tendo por base as correlações que foram significativas, analisou-se igualmente o papel mediador da autoestima na relação entre os estilos de vinculação (i.e., segura, ansiosa/ambivalente e evitante) e as diferentes dimensões da relação com os pais e pares (i.e., confiança, comunicação e alienação). Para tal recorreremos ao Modelo 4 do *Process* (v. 3.5.3) para o SPSS (Hayes, 2018).

Por fim, com o objetivo de avaliar se existiam diferenças na autoestima e nas relações com os pais e pares em função do sexo e da situação dos irmãos realizaram Testes *T de Student* para amostras independentes dado que os grupos (VI) apresentavam duas categorias (i.e., Sexo: Feminino vs. Masculino; Situação dos irmãos: Com a minha família vs. Na mesma casa de acolhimento). De realçar que o Teste *T de Student* requer a verificação do pressuposto da normalidade, que, pela aplicação do Teorema do Limite Central (TLC), pode considerar-se que a violação deste pressuposto não põe em causa o resultado do teste (Laureano, 2011).

Da mesma forma, avaliamos ainda se existiam diferenças na autoestima e nas relações com os pais e pares em função tempo de institucionalização e da frequência do contacto com a família. Visto que estas variáveis apresentavam mais do que duas categorias (i.e., Tempo de institucionalização: Menos de 1 ano, 1 a 2 anos, 3 a 5 anos e mais de 5 anos; Frequência do contacto com a família: 1 vez por semana, 2 ou mais vezes por semana, fins-de-semana, períodos de férias, quinzenal, todos os dias) realizaram-se *One-Way ANOVAs* ou o equivalente não paramétrico Teste de *Kruskall-Wallis*, no caso do pressuposto da normalidade da amostra não se verificar. Importa referir que o pressuposto da normalidade foi avaliado por intermédio do teste de *Shapiro-Wilk* que apresentou um valor de significância inferior a .05 tanto para a autoestima como para todas as dimensões da relação com os pais e pares, sugerindo, portanto, a posterior aplicação do referido teste não paramétrico de *Kruskall-Wallis*.

De notar que o valor de significância estatística associada a todos os testes realizados foi definido como $p \leq .05$.

Resultados

Análise Descritiva

Primeiramente, importa salientar que os valores mínimos e máximos obtidos a todas as variáveis de interesse (i.e., Relação com os Pais e Pares, Autoestima e Vinculação) e respetivas dimensões variaram entre os extremos das respetivas escalas de resposta.

Visto isto, no que toca ao relacionamento com os pais e pares, na dimensão de Confiança e de Comunicação verificaram-se médias próximas do ponto 3 (“Muitas vezes é verdade”), sugerindo que, em média, os participantes concordavam com as afirmações constituintes destas duas dimensões. Contudo, na dimensão de Alienação, a média das respostas aproximou-se do ponto 2 (“Às vezes é verdade”), portanto, em média, os adolescentes concordavam com o conteúdo dos itens apresentados.

Em relação à Autoestima, as respostas médias dos participantes aproximaram-se do ponto 2 (“Concordo”), o que significa que, em média, concordavam com as afirmações referentes à perceção acerca de si e dos outros.

No que diz respeito aos estilos de vinculação, em média, as pontuações à subescala de vinculação segura aproximaram-se do ponto 4 (“Quase Sempre”), significando que os participantes concordavam com as afirmações apresentadas. Já nas restantes subescalas, ou seja, quer na subescala de vinculação ansiosa/ambivalente como na subescala de vinculação evitante, em média, os adolescentes aproximaram-se do ponto 3 (“Muitas Vezes”), sugerindo igualmente concordam-se com as afirmações apresentadas.

De notar que todos os valores de Assimetria e Curtose encontravam-se entre os valores de referência para a normalidade ($|sk| < 3$; $|ku| < 7$) (Maroco, 2010) (Tabela 3).

Tabela 3*Estatística descritiva*

	<i>n</i>	Mín.	Máx.	<i>M</i>	<i>DP</i>	Assimetria	Curtose
Relação com os Pais							
Confiança	109	1.00	4.00	3.00	0.96	-0.85	-0.44
Comunicação	109	1.00	4.00	2.68	1.00	-0.25	-1.18
Alienação	109	1.00	4.00	1.77	0.93	1.16	0.26
Total	109	1.00	4.00	2.95	0.85	-0.68	-0.60
Relação com os Pares							
Confiança	109	1.00	4.00	2.98	0.77	-0.48	-0.72
Comunicação	109	1.00	4.00	2.76	0.81	-0.73	-0.82
Alienação	109	1.00	4.00	1.76	0.60	1.52	3.09
Total	109	1.5	3.88	3.01	0.55	-0.30	-0.78
Autoestima	109	0.60	2.80	1.85	0.49	0.04	-0.56
Estilos de Vinculação							
Vinculação Segura	109	1.63	5.00	3.74	0.93	-0.19	-1.14
Vinculação Ansiosa/Ambivalente	109	1.00	5.00	2.89	1.07	0.07	-0.79
Vinculação Evitante	109	1.25	4.63	3.20	0.82	-0.20	0.87

Associação entre a Relação com os Pais e Pares, a Autoestima e os Estilos de Vinculação

Analisando a matriz de correlações apresentada na Tabela 4, observam-se associações significativas e positivas entre a Autoestima e todas as dimensões da Relação com os Pais e Pares, à exceção da dimensão da Alienação nas Relações com os Pais e Pares. Isto significa que quanto melhor for a Relação com os Pais e os Pares, maior será a Autoestima dos jovens. Importa notar que a maioria destas correlações apresentou uma intensidade fraca, salvo a correlação entre a Autoestima e a dimensão Confiança na Relação com os Pais que foi moderada.

No que diz respeito às correlações entre as Relações com os Pais e Pares, a Autoestima e os Estilos de Vinculação verificaram-se correlações significativas e positivas entre a dimensão de Vinculação Segura e todas as dimensões da escala de avaliação das Relações com os Pais e Pares, à exceção da dimensão da Alienação, assim como com a Autoestima. Posto isto, podemos verificar que quanto maior for a relação, maior será a confiança e comunicação com os pais e pares, assim como a autoestima dos participantes. A maioria das correlações mencionadas demonstraram intensidade moderada, salvo as correlações entre a Vinculação Segura e a dimensão da Confiança na Relação com os Pares e a correlação entre a Vinculação Segura e o Total da Relação com os Pares que foram fortes.

No que toca à dimensão da Vinculação Ansiosa/Ambivalente, observou-se apenas uma correlação significativa e positiva com a dimensão da Alienação nas Relações com os Pares, sendo de intensidade fraca, o que significa que quanto mais ansiosa for a relação de vinculação, maior será a Alienação. De realçar a ausência de associação significativa entre a vinculação ansiosa/ambivalente e a Autoestima dos jovens.

Por fim, a dimensão de Vinculação Evitante esteve significativa e positivamente correlacionada com a dimensão da Alienação nas Relações com os Pais, o que se pode concluir que quanto maior for a Vinculação Evitante, maior será a Alienação. Para além disso, esta dimensão da Vinculação correlacionou-se ainda, de um modo negativo, com a Autoestima, o que significa que quanto maior a Vinculação Evitante, menor será a Autoestima dos jovens. Em ambas as correlações, as intensidades foram consideradas fracas.

Tabela 4

Correlações entre a Relação com os Pais e Pares, a Autoestima e os Estilos de Vinculação

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.
Relação com os Pais												
1. Confiança	-											
2. Comunicação	.88**	-										
3. Alienação	-.37**	-.28**	-									
4. Total	.97**	.93**	-.51**	-								
Relação com os Pares												
5. Confiança	.28**	.33**	-.08	.29**	-							
6. Comunicação	.10	.24*	.14	.11	.78**	-						
7. Alienação	.10	.19*	.12	.11	.01	.10	-					
8. Total	.19*	.24	-.05	.21*	.94**	.82**	-.28**	-				
9. Autoestima	<u>.25**</u>	<u>.31**</u>	-.09	<u>.27**</u>	<u>.27**</u>	<u>.26**</u>	-.09	<u>.29**</u>	-			
Estilos de Vinculação												
10. Vinculação Segura	<u>.30**</u>	<u>.34**</u>	-.06	<u>.31**</u>	<u>.58**</u>	<u>.44**</u>	-.15	<u>.59**</u>	<u>.47**</u>	-		
11. Vinculação Ansiosa/Ambivalente	.02	.10	.14	.03	.08	.18	<u>.26**</u>	.03	-.13	.22*	-	
12. Vinculação Evitante	-.13	-.10	<u>.23*</u>	-.16	.12	.17	.10	.11	<u>-.25**</u>	.13	.48**	-

Nota: ** $p \leq 0,01$; * $p \leq 0,05$ (nível de significância)

Análises de Mediação

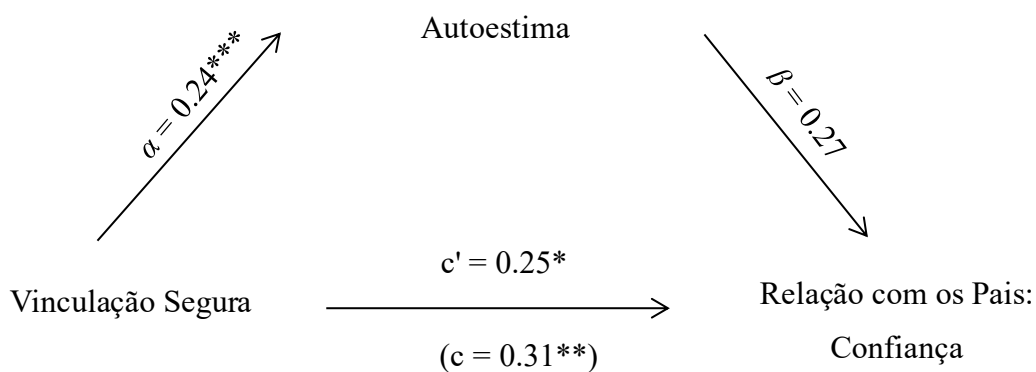
A Autoestima como Mediadora da Relação entre um Estilo de Vinculação Segura e a Relação com os Pais e Pares

Considerando as correlações supramencionadas, procurámos analisar se a Autoestima mediava a relação entre o Estilo de Vinculação Segura e a dimensão de Confiança referente à Relação com os Pais (Figura 2), assim como à Relação com os Pares (Figura 2). Importa começar por realçar que a Vinculação Segura prediz significativamente a Autoestima e explica 21.8% da sua variância [$R^2 = .218$; $F_{(1,107)} = 29.76$, $p < .001$], sendo que estas duas variáveis estão positivamente correlacionadas ($a = 0.24$, $p < .001$).

Figura 2

Análise de mediação com a Autoestima como mediador entre a Vinculação Segura e a dimensão Confiança referente à Relação com os Pais

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$



Posto isto, observou-se que a Vinculação Segura e a Autoestima apresentaram um efeito conjunto significativo na dimensão de Confiança referente à Relação com os Pais e os Pares, explicando, respetivamente, 10.6% [$R^2 = .106$; $F_{(2,106)} = 6.30$, $p = .003$] e 34% [$R^2 = .340$; $F_{(2,106)} = 27.41$, $p < .001$] da sua variância. Note-se que a Autoestima não se encontrou significativamente associada a esta dimensão da Relação tanto com os Pais ($b = 0.27$, $p = .193$) como com os Pares ($b = -0.01$, $p = .955$), verificando-se somente efeitos diretos significativos da Vinculação Segura na dimensão de Confiança referente à Relação

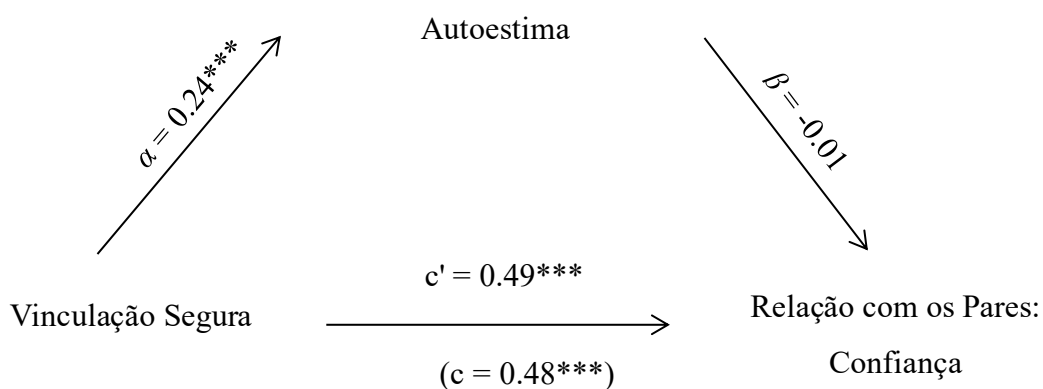
com os Pais e os Pares com o mediador Autoestima (respetivamente, $c' = 0.25$, $p = .023$ e $c' = 0.48$, $p < .001$).

Da mesma foram, considerando tanto a Relação com os Pais como com os Pares, os efeitos totais da Vinculação Segura na dimensão de Confiança foram igualmente significativos, realçando-se que a primeira variável explicou, respetivamente, 9.2% [$R^2 = .092$; $F_{(1,107)} = 10.81$, $p = .001$] e 34%% ($R^2 = .340$; $F_{(1,107)} = 55.34$, $p < .001$] da variância da segunda. Em ambas as mediações, o efeito indireto (efeito da mediação – $a*b$) não foi considerado significativo dado que o seu intervalo de confiança incluiu o zero [respetivamente, $a*b_{\text{pais}} = 0.06$, CI (-0.028, 0.171) e $a*b_{\text{pares}} = 0.09$, CI (-0.002, 0.207)].

Figura 3

Análise de mediação com a Autoestima como mediadores entre a Vinculação Segura e a dimensão Confiança referente à Relação com os Pares

*** $p < .001$

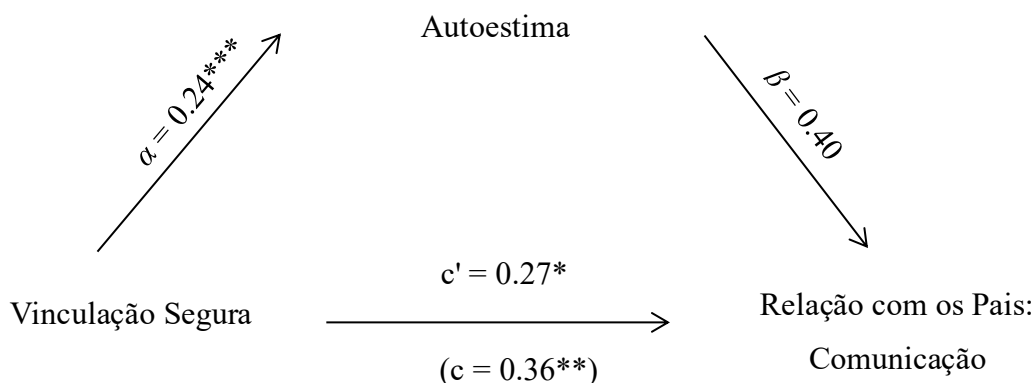


De seguida, testámos se a Autoestima mediava a relação entre o Estilo de Vinculação Segura e a dimensão de Comunicação referente à Relação com os Pais (Figura 3) e com os Pares (Figura 3), verificando-se que este estilo de Vinculação em conjunto com a Autoestima apresentou um efeito significativo nesta dimensão referente à Relação com os Pais e com os Pares, explicando, respetivamente, 14.7% [$R^2 = .147$; $F_{(2,106)} = 9.10$, $p = .002$] e 19.7% [$R^2 = .197$; $F_{(2,106)} = 13.02$, $p = .001$] da sua variância. Realçando-se que a Autoestima também não se encontrou significativamente associada à dimensão de Comunicação referente à Relação com os Pais ($b = 0.40$, $p = .056$) e com os Pares ($b = 0.11$, $p = .514$).

Figura 4

Análise de mediação com a Autoestima como mediadores entre a Vinculação Segura e a dimensão Comunicação referente à Relação com os Pais

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

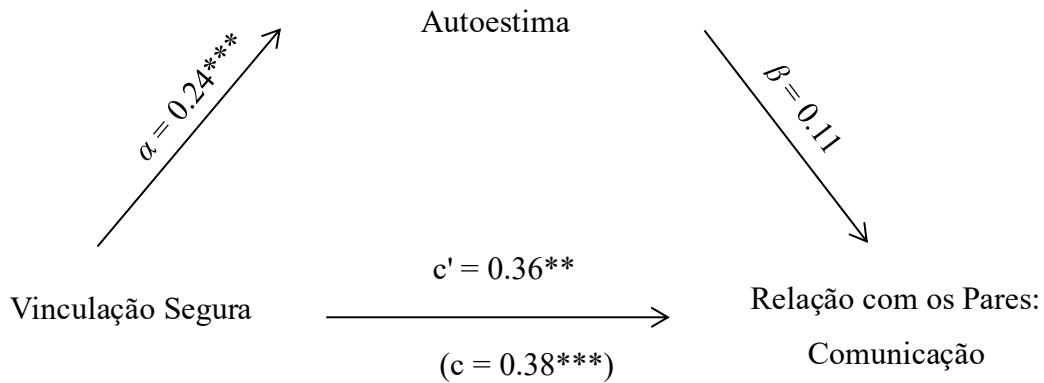


Apesar disso, observaram-se efeitos diretos significativos da Vinculação Segura com o mediador Autoestima nesta mesma dimensão, quer para a Relação com os Pais ($c' = 0.25, p = .052$) com para a Relação com os Pares ($c' = 0.36, p < .001$). Os efeitos totais da Vinculação Segura na dimensão de Comunicação referente à Relação com os Pais e com os Pares também foram significativos, destacando-se que a primeira variável explicou, respetivamente, 11.7% [$R^2 = .117; F_{(1,107)} = 14.12, p = .003$] e 19.4% [$R^2 = .194, F_{(1,107)} = 25.75, p < .001$] da variância da segunda. Por oposição, os efeitos da mediação (efeito indireto – $a*b$), tanto no que diz respeito à relação com os Pais como com os Pares não foram considerados significativos uma vez que o seu intervalo de confiança inclui o zero [$a*b_{\text{pais}} = 0.09, \text{CI} (-0.002, 0.207)$; $a*b_{\text{pares}} = 0.02, \text{CI} (-0.050, 0.110)$].

Figura 5

Análise de mediação com a Autoestima como mediadores entre a Vinculação Segura e a dimensão Comunicação referente à Relação com os Pares

** $p < .01$, *** $p < .001$

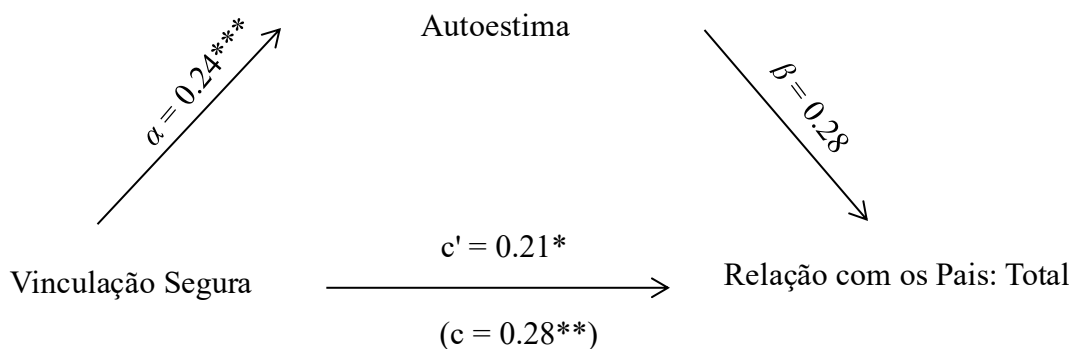


Por último, analisámos também se a Autoestima mediava a relação entre o Estilo de Vinculação Segura e a dimensão de Total referente à Relação com os Pais (Figura 6) e com os Pais (Figura 7), observando-se que este estilo de Vinculação e a Autoestima manifestaram um efeito conjunto significativo nesta dimensão referente à Relação tanto com os Pais como com os Pais, explicando, respetivamente, 11.8% [$R^2 = .118$; $F_{(2,106)} = 7.06$, $p = .001$] e 35.1% [$R^2 = .351$; $F_{(2,106)} = 28.68$, $p < .001$] da sua variância. E, à semelhança do que se verificou anteriormente, observou-se a ausência de uma associação significativa entre a Autoestima e a dimensão de Total referente à Relação com os Pais ($b = 0.28$, $p = .118$) e com os Pais ($b = 0.03$, $p = .793$).

Figura 6

Análise de mediação com a Autoestima como mediadores entre a Vinculação Segura e a dimensão Total referente à Relação com os Pais

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

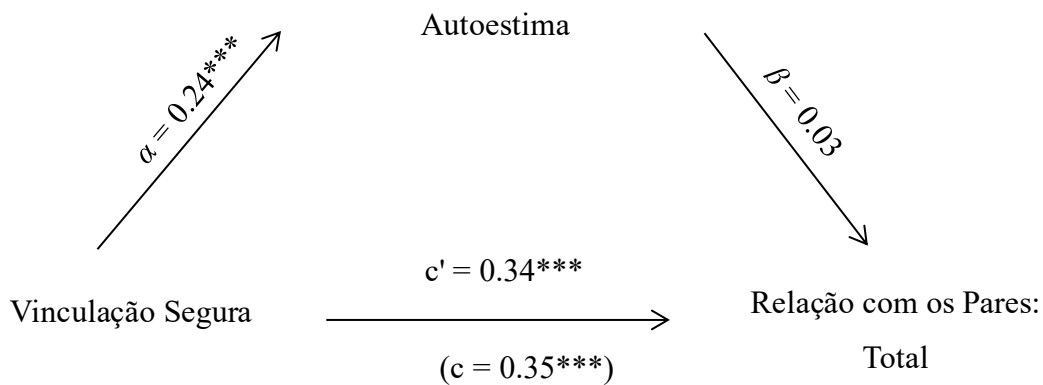


Visto isto, verificou-se somente efeitos diretos significativos da Vinculação Segura com o mediador Autoestima na dimensão de Total referente à Relação com os Pais ($c' = 0.28, p = .024$) e com os Pares ($c' = 0.34, p < .001$). Assim como, efeitos totais significativos da Vinculação Segura na dimensão de Total referente à Relação com os Pais e com os Pares, observando-se que a primeira variável explicou, respetivamente, 9.7% [$R^2 = .097; F_{(1,107)} = 11.49, p = .001$] e 35.1% [$R^2 = .351; F_{(1,107)} = 57.79, p < .001$] da variância da segunda. Apesar disso, os efeitos da mediação (efeito indireto – $a*b$) também não foram considerados significativo tanto para a Relação com os Pais como com os Pares, dado que o seu intervalo de confiança inclui o zero [$a*b_{\text{pais}} = 0.06, \text{CI} (-0.175, 0.167)$; $a*b_{\text{pares}} = 0.01, \text{CI} (-0.049, 0.062)$].

Figura 7

Análise de mediação com a Autoestima como mediadores entre a Vinculação Segura e a dimensão Total referente à Relação com os Pares

*** $p < .001$



A Autoestima como Mediadora da Relação entre um Estilo de Vinculação Ansiosa/Ambivalente e a Relação com os Pares

Em relação ao Estilo de Vinculação Ansiosa/Ambivalente, procurámos analisar se a autoestima mediava a relação entre o Estilo de Vinculação e a dimensão de Alienação referente à Relação com os Pares (Figura 8). Os resultados indicaram que a Vinculação Ansiosa/Ambivalente prediz significativamente a Autoestima e explica 16.7% da sua variância [$R^2 = .167; F_{(1,107)} = 1.82, p < .180$], tendo em conta que estas duas variáveis

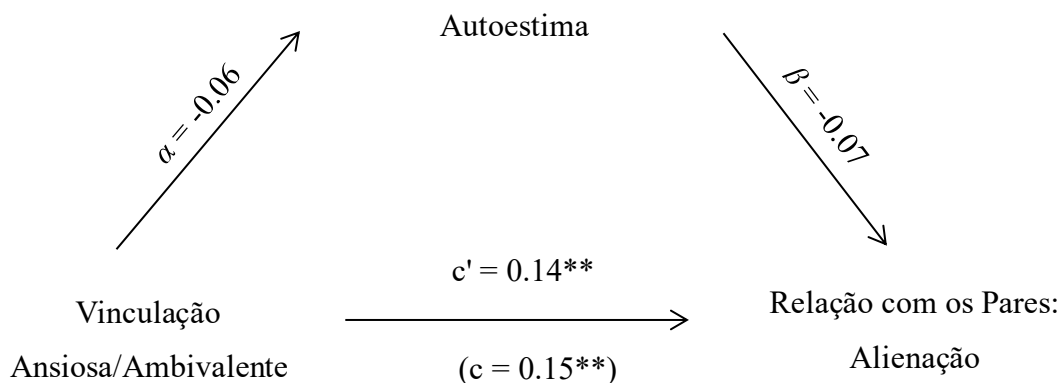
estão positivamente correlacionadas ($a = -0.06, p = .180$). No seguinte modelo, verificou-se que a Vinculação Ansiosa/Ambivalente e a Autoestima apresentaram um efeito conjunto significativo na dimensão de Alienação referente à Relação com os Pares, explicando 7.1% da sua variância [$R^2 = .071; F_{(2,106)} = 4.09, p = .001$].

Salientando-se que a Autoestima não se encontrou significativamente associada à dimensão de Alienação referente à Relação com os Pares ($b = -0.07, p = .570$), observando-se apenas um efeito direto significativo da Vinculação Ansiosa/Ambivalente com o mediador Autoestima nesta dimensão ($c' = 0.14, p = .007$). O efeito total deste estilo de Vinculação na dimensão de Alienação referente à Relação com os Pares foi significativo, observando-se que a primeira variável explicou 6.8% da variância da segunda [$R^2 = .068; F_{(1,107)} = 7.91, p = .005$]. O efeito da mediação (efeito indireto – $a*b$) não foi considerado significativo visto que o seu intervalo de confiança inclui o zero [$a*b = 0.04, CI (-0.014, 0.023)$].

Figura 8

Análise de mediação com a Autoestima como mediadores entre a Vinculação Ansiosa/Ambivalente e a dimensão Alienação referente à Relação com os Pares

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$



A Autoestima como Mediadora da Relação entre um Estilo de Vinculação Evitante e a Relação com os Pais

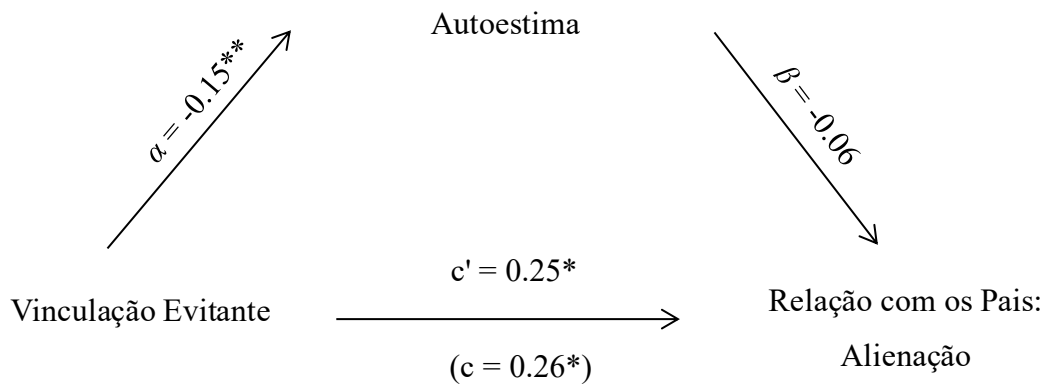
Relativamente aos Estilos de Vinculação Evitante, analisámos também se a Autoestima mediava a relação entre o Estilo de Vinculação Evitante e a dimensão de Alienação referente à Relação com os Pais (Figura 9). Os resultados indicaram que a Vinculação Evitante prediz significativamente a Autoestima e explica 6.4% da sua variância [$R^2 = .064$; $F_{(1,107)} = 7.28$, $p < .008$], sendo que estas duas variáveis estão positivamente correlacionadas ($a = -0.15$, $p < .008$). No segundo modelo, observou-se que a Vinculação Evitante e a Autoestima manifestaram um efeito conjunto significativo na dimensão de Alienação referente à Relação com os Pais, explicando 5.4% da sua variância [$R^2 = .054$; $F_{(2,106)} = 3.03$, $p = .052$].

De notar que a Autoestima não se encontrou significativamente associada à dimensão de Alienação referente à Relação com os Pais ($b = -0.06$, $p = .760$), verificando-se somente um efeito direto significativo da Vinculação Evitante com o mediador Autoestima nesta mesma dimensão ($c' = 0.25$, $p = .024$). O efeito total da Vinculação Evitante na dimensão de Alienação referente à Relação com os Pais também foi significativo, observando-se que a primeira variável explicou 5.3% da variância da segunda [$R^2 = .053$; $F_{(1,107)} = 6.02$, $p = .016$]. O efeito da mediação (efeito indireto – $a*b$) não foi considerado significativo dado que o seu intervalo de confiança incluiu o zero [$a*b = 0.01$, CI (-0.063, 0.083)].

Figura 9

Análise de mediação com a Autoestima como mediadores entre a Vinculação Evitante e a dimensão Alienação referente à Relação com os Pais

** $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$*



Diferenças na Autoestima e na Relação com os Pais e Pares

Os resultados do presente estudo demonstraram ainda diferenças significativas na Autoestima em função do sexo [$t_{(107)} = -2.88$; $p = .005$], observando-se que os rapazes apresentam níveis significativamente superiores de autoestima, comparativamente às raparigas (Tabela 5). Realçando-se que não se verificaram quaisquer diferenças significativas ao nível da Relação com os Pais e Pares em função do sexo.

Tabela 5

Diferenças na Autoestima em função do Sexo

	<i>Feminino</i>		<i>Masculino</i>		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
<i>Autoestima</i>	1.71	0.49	1.97	0.46	-2.88	.005

Além disso, observaram-se diferenças significativas ao nível da Confiança na Relação com os Pais em função da situação dos irmãos (i.e., com a família vs. na mesma casa de acolhimento). Ou seja, verificou-se que os jovens cujos irmãos estavam com a família reportaram menores níveis médios de confiança com os pais, comparativamente com os jovens cujos irmãos se encontravam na mesma casa de acolhimento. Apesar disso, não se verificaram diferenças significativas para as dimensões de Comunicação e Alienação no que diz respeito à Relação com Pais em função da situação dos irmãos, observando-se uma tendência estatística ao nível do valor total ($p < .010$). Tal indica que os jovens cujos irmãos estavam na mesma casa de acolhimento pareciam tender a reportar

melhores relações com os pais, comparativamente com os jovens cujos irmãos estavam com a família (Tabela 6).

De notar que não se verificaram quaisquer diferenças significativas na Relação com os Pais e na Autoestima em função da situação dos irmãos (i.e., com a família vs. na mesma casa de acolhimento).

Tabela 6

Diferenças na Relação com os Pais em função da Situação dos Irmãos (Com a Família vs. Na mesma Casa de Acolhimento)

	Com a família		Na mesma casa de acolhimento		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Confiança	2.75	1.15	3.24	0.74	-2.19	.032
Comunicação	2.52	1.15	2.79	0.88	-1.12	.266
Alienação	1.84	1.01	1.72	0.87	0.53	.601
Total	2.75	1.02	3.12	0.68	-1.78	.079*

Nota: * $p < .010$ (tendência estatística)

Por fim, os resultados da presente investigação atestaram a ausência de diferenças significativas ao nível da Relação com os Pais e Pais, assim como da Autoestima, em função do tempo em que o jovem se encontra institucionalizado. Porém, verificaram-se diferenças significativas na dimensão de Confiança [$H_{(6)} = 13.30$; $p = .039$], Comunicação [$H_{(6)} = 13.66$; $p = .034$] e na escala Total [$H_{(6)} = 12.65$; $p = .049$] da Relação com os Pais, bem como na dimensão de Comunicação [$H_{(6)} = 15.73$; $p = .015$] referente à relação com os Pais e na Autoestima [$H_{(6)} = 13.75$; $p = .033$], em função da frequência de contacto entre o jovem e a sua família (Tabela 7).

Especificamente, observou-se que os jovens que apenas contactavam com a sua família ao fim-de-semana, ou que a não contactavam de todos, reportaram níveis significativamente inferiores de confiança e comunicação para com os pais, bem como uma pior relação no geral, comparativamente com os jovens que contactavam com a sua família duas ou mais vezes por semana ou todos os dias. Da mesma forma, os jovens que contactavam com a sua família quinzenalmente também demonstraram menos confiança nos seus pais e uma pior comunicação com os mesmos, comparativamente aos jovens que a contactavam todos os dias. Aliás, ao nível da comunicação com os pais, verificou-se também níveis significativamente inferiores entre os jovens que apenas contactavam a

sua família em períodos de férias, comparativamente aos jovens que a contactavam aos fins-de-semana.

No que diz respeito às diferenças na dimensão Comunicação referente à relação com os Pais, foi possível compreender por intermédio dos resultados obtidos que os jovens que contactavam com a sua família quinzenalmente reportaram níveis significativamente inferiores de comunicação com os seus pais, comparativamente aos jovens que contactavam com a sua família todos os dias, apenas aos fins-de-semanas, somente em períodos de férias ou que nem sequer contactavam com a mesma. Os jovens que contactavam com a sua família duas ou mais vezes por semana também demonstraram uma pior comunicação com os seus pais, comparativamente aos jovens que contactavam com a sua família somente em períodos de férias.

Quanto às diferenças na Autoestima, observamos que, comparativamente com os jovens que contactavam com a família quinzenalmente, os participantes que apenas estavam com a sua família em períodos de férias, bem como aqueles que estavam todos os dias, demonstram níveis significativamente superiores de autoestima. Além disso, os participantes que estavam com a sua família apenas ao fim-de-semana reportaram níveis significativamente inferiores de autoestima, em comparação com os jovens que contactavam com a sua família todos os dias.

Tabela 7

Diferenças nas Relações com os Pais e Pares e na Autoestima em função da Frequência do Contacto com a Família

		<i>M</i>	<i>DP</i>	Kruskal-Wallis	
				<i>H</i>	<i>p</i>
Relação com os Pais Confiança	Não tem contacto com a família	2.30	0.42	13.30	.039
	1 vez por semana	3.01	0.36		
	2 ou mais vezes por semana	3.33	0.15		
	Fins de semana	2.48	0.26		
	Quinzenal	2.81	0.23		
	Períodos de férias	3.14	0.23		
	Todos os dias	3.36	0.40		
Relação com os Pais Comunicação	Não tem contacto com a família	2.18	0.40	13.66	.034
	1 vez por semana	2.84	0.34		
	2 ou mais vezes por semana	2.93	0.19		
	Fins de semana	2.11	0.25		
	Quinzenal	2.27	0.26		
	Períodos de férias	2.88	0.24		
	Todos os dias	3.04	0.16		
Relação com os Pais Total	Não tem contacto com a família	2.42	0.36	12.65	.049
	1 vez por semana	2.93	0.35		
	2 ou mais vezes por semana	3.22	0.15		
	Fins de semana	2.46	0.23		
	Quinzenal	2.77	0.20		
	Períodos de férias	3.09	0.20		
	Todos os dias	3.25	0.12		
Relação com os Pares Comunicação	Não tem contacto com a família	2.96	0.22	15.73	.015
	1 vez por semana	2.70	0.24		
	2 ou mais vezes por semana	2.57	0.19		
	Fins de semana	3.00	0.21		
	Quinzenal	2.17	0.17		
	Períodos de férias	3.18	0.19		
	Todos os dias	2.79	0.16		
Autoestima	Não tem contacto com a família	1.81	0.17	13.75	.033
	1 vez por semana	1.72	0.15		
	2 ou mais vezes por semana	1.77	0.12		
	Fins de semana	1.73	0.10		
	Quinzenal	1.57	0.12		
	Períodos de férias	2.06	0.11		
Todos os dias	2.08	0.08			

Discussão

A presente investigação teve como objetivo principal avaliar o papel mediador da autoestima entre os estilos de vinculação e as relações com os pais e pares em jovens institucionalizados. Posto isto, começando por analisar a nossa primeira hipótese de investigação (i.e., estilos de vinculação segura estão correlacionados com níveis superiores de autoestima e perceções mais positivas das relações com os pais e pares), verificámos que foi confirmada, dado que os resultados demonstraram que estilos de vinculação segura estavam associados a níveis superiores de autoestima, bem como a maiores níveis de comunicação e confiança entre os jovens e os seus pais, assim como entre os jovens e os seus pares. Estes resultados vão de encontro à literatura, particularmente com a Teoria da Vinculação desenvolvida por John Bowlby e expandida por Mary Ainsworth. De acordo com a teoria, a qualidade das interações iniciais entre a criança e suas figuras de vinculação é fundamental para o desenvolvimento da autoestima, das habilidades de comunicação e para a capacidade de formar laços de confiança (Bowlby, 1982; Ainsworth et al., 1978).

Pesquisas indicam que os indivíduos com uma vinculação segura tendem a apresentar uma autoestima elevada e têm uma maior facilidade em estabelecer e manter relacionamentos saudáveis (Seitún & Di Bártolo, 2019). Isso deve-se ao fato de que, ao crescerem num ambiente onde se sentiram seguros e confiantes, permitiu que desenvolvessem uma base emocional estável, essencial para desenvolverem uma autoperceção positiva (Aziz et al., 2021). Além disso, essa segurança emocional favorece uma melhor capacidade de expressar as suas necessidades e construir confiança nas interações com os outros (Sroufe et al., 2005; Cassidy & Shaver, 2016). Em contrapartida, os estilos de vinculação inseguros estão associados a níveis inferiores de autoestima, uma vez que a inconsistência e a falta de responsividade dos cuidadores comprometem a regulação emocional. De acordo com a literatura, as qualidades das primeiras relações de vinculação exercem um impacto significativo na autoestima e nas interações sociais dos jovens, validando a conexão entre estilos de vinculação e autoconceito em diversas populações e contextos (Mikulincer & Shaver, 2010).

Desde modo, a nossa segunda hipótese de investigação (i.e., estilos de vinculação ansiosa/ambivalente e evitante estão correlacionados com níveis inferiores de autoestima

e percepções mais negativas das relações com os pais e pares) também foi parcialmente confirmada, tendo em conta o que referimos anteriormente. Além de que estilos de vinculação ansiosa/ambivalente apenas se correlacionaram significativamente com a alienação com os pares. E os estilos de vinculação evitante correlacionaram-se significativamente com a alienação com os pais. À luz da literatura, as relações entre estilos de vinculação e a qualidade das interações interpessoais têm sido amplamente estudadas, revelando padrões distintos de alienação associados a diferentes estilos de vinculação. Adolescentes com um estilo de vinculação ansioso/ambivalente tendem a experienciar altos níveis de ansiedade nas relações, o que pode contribuir para as dificuldades em estabelecer e manter relações saudáveis com os pares, levando à alienação (Mikulincer & Shaver, 2007). Por outro lado, os jovens com um estilo de vinculação evitante frequentemente minimizam a importância das relações emocionais e evitam a intimidade, resultando numa maior alienação nas relações com os pais (Cassidy & Shaver, 2016). Estes padrões são particularmente relevantes em contextos de jovens institucionalizados, onde as experiências passadas de insegurança e instabilidade nas relações familiares podem intensificar esses efeitos (Zeanah et al., 2005). A literatura sugere que as dificuldades emocionais e de vinculação que surgem através dos estilos de vinculação referidos influenciam diretamente o bem-estar social e emocional dos jovens, destacando a importância de intervenções direcionadas para melhorar a segurança e a qualidade das relações de vinculação nesses contextos (Bakermans-Kranenburg & Van IJzendoorn, 2009).

A terceira hipótese (i.e., níveis inferiores de autoestima estão correlacionados com percepções mais negativas das relações com os pais e pares (i.e., níveis inferiores de confiança e comunicação) foi confirmada. Os resultados do presente estudo revelaram que os jovens com baixa autoestima tendem a relatar relações interpessoais menos satisfatórias, alinhando-se com a literatura que sugere uma associação entre autoestima e qualidade das interações interpessoais (e.g., Baumeister et al., 2003; Rosenberg, 1986). Além disso, as dimensões positivas das relações interpessoais, como confiança e comunicação, foram significativamente associadas a estilos de vinculação mais seguros, enquanto dimensões desajustadas, como a alienação, correlacionaram-se com estilos de vinculação desadaptativos (Mikulincer & Shaver, 2010). Estas descobertas destacam a importância da autoestima na formação de relações interpessoais saudáveis e sugerem

que intervenções focadas em melhorar a autoestima podem beneficiar a qualidade das relações sociais em contextos institucionais (Mikulincer & Shaver, 2010).

No entanto, a quarta hipótese (i.e., a autoestima tem um papel mediador entre os estilos de vinculação e as relações com os pais e pares) foi rejeitada, o que indica que a autoestima não mediou de forma significativa a relação entre os estilos de vinculação e a qualidade das relações interpessoais. O facto desta hipótese não ter sido validada poderá ter sido influenciado por inúmeros fatores que merecem uma especial atenção. Primeiramente, é possível que outras variáveis não incluídas no estudo possam desempenhar um papel significativo na dinâmica entre os estilos de vinculação e as relações interpessoais. Como por exemplo as características individuais dos jovens, os traços de personalidade (e.g., neuroticismo, extroversão) e os fatores contextuais (e.g., qualidade do ambiente institucional) podem influenciar essa relação. A literatura sugere que a personalidade pode moderar a percepção das relações interpessoais, com traços como o neuroticismo frequentemente associados a avaliações mais negativas das relações (Mammadov, 2022).

Além disso, a qualidade das relações com os cuidadores e os pares pode ser afetada por uma série de fatores adicionais, como a estabilidade e a consistência dos cuidados fornecidos, bem como eventos stressantes ou traumas prévios, que têm um impacto significativo na autoestima e nas interações interpessoais (Breidenstine et al., 2016). Para aprofundar a compreensão das complexas relações entre estilos de vinculação, autoestima e qualidade das relações interpessoais, futuros estudos poderiam explorar uma variedade de variáveis adicionais. Uma das áreas a ser investigada é a interação entre os traços de personalidade, como neuroticismo e extroversão, os estilos de vinculação e autoestima. Os traços de personalidade são conhecidos por influenciar significativamente as relações interpessoais, e a sua relação com os estilos de vinculação podendo fornecer uma visão mais detalhada das dinâmicas relacionais (Kim et al., 2022).

Outro facto crucial a ser estudado, seria a qualidade do ambiente institucional. Isto é, avaliar como é que a estabilidade e a qualidade do ambiente afetam a relação entre os estilos de vinculação e a autoestima, podendo ajudar a entender melhor como é que estes fatores influenciam as interações interpessoais dentro dos contextos institucionais (Breidenstine et al., 2016).

As experiências de vida anteriores, como trauma e abuso, também desempenham um papel importante. Essas experiências podem moldar os estilos de vinculação e a autoestima, afetando a qualidade das relações interpessoais. Algumas pesquisas demonstram que os traumas na infância têm efeitos duradouros sobre o desenvolvimento emocional e relacional (Van IJzendoorn et al., 2004).

Finalmente, a eficácia de intervenções psicológicas específicas também deve ser considerada. Avaliar como é que os programas destinados a melhorar a autoestima e a regulação emocional influenciam a relação entre estilos de vinculação e a qualidade das relações interpessoais podendo fornecer insights interessantes. Estudos mostram que tais intervenções podem mediar essas relações e promover uma adaptação social mais eficaz (Van Genugten et al., 2017).

De acordo com os resultados obtidos, a quinta hipótese (i.e., existem diferenças na autoestima e nas relações com os pais e pares em função do sexo) foi considerada parcialmente confirmada. Posto isto, só foi confirmada a existência de diferenças significativas na autoestima entre os sexos, conforme o esperado. Este resultado é consistente com a literatura existente, que sugere que fatores socioculturais e expectativas de género podem influenciar a autoestima de maneira diferenciada para cada sexo (Buckingham et al., 2012). Portanto, as variações observadas na autoestima confirmam a hipótese de que o sexo desempenha um papel importante na forma como indivíduos avaliam o seu próprio valor e competência.

No entanto, a hipótese não foi confirmada no que diz respeito às relações com pais e pares. Os dados não mostraram diferenças substanciais ou consistentes entre os sexos em relação a essas interações. Isso sugere que, ao contrário da autoestima, o sexo pode não ter uma influência direta nas relações interpessoais com pais e pares, ou que outros fatores contextuais e individuais podem ser mais relevantes na modelagem dessas relações (Lamb & Lewis, 2011).

Em síntese, embora os dados apoiem a existência de diferenças na autoestima associadas ao sexo, não há evidências suficientes para afirmar que essas diferenças se estendem igualmente às relações interpessoais com pais e pares. Esses resultados indicam a necessidade de pesquisas adicionais para explorar melhor como é que o sexo pode afetar as dinâmicas relacionais e identificar outros fatores que possam influenciar essas interações.

No que toca à sexta hipótese (i.e., existem diferenças na autoestima e nas relações com os pais e pares em função do tempo em que o jovem se encontra institucionalizado), esta foi rejeitada. Em primeiro lugar, é de notar que a literatura oferece evidências ambíguas tendo em conta ao resultado obtido. Alguns estudos sugerem que um período mais longo numa instituição pode prejudicar a autoestima devido à falta de apoio emocional consistente e estável. No entanto, outras pesquisas indicam que o tempo de institucionalização por si só pode não ter um impacto direto e significativo na autoestima, sendo esse efeito mediado por fatores como a qualidade do ambiente institucional e o tipo de suporte recebido (McCall, et al., 2019).

Em relação às relações interpessoais, a qualidade das interações com pais e pares pode ser diretamente influenciada pela estabilidade e pelo suporte emocional fornecido pelo ambiente institucional. Estudos mostram que o impacto nas relações interpessoais está mais relacionado com a qualidade do cuidado e da interação do que com a duração da permanência na instituição (Van IJzendoorn et. al., 2020). Portanto, a rejeição da hipótese indica que o tempo de institucionalização não é um fator determinante significativo na autoestima e nas relações interpessoais dos jovens. Fatores como a qualidade do cuidado e o suporte emocional parecem ter um impacto mais substancial nessas áreas.

Por fim, a sétima hipótese (i.e., existem diferenças na autoestima e nas relações com os pais e pares em função da frequência do contacto com a família e da situação dos irmãos) foi confirmada. Isto indica que a frequência de contato com a família e a situação dos irmãos têm um impacto significativo na autoestima e nas relações dos indivíduos com os seus pais e pares. Frequentemente, um maior contato com a família está associado a um suporte emocional mais consistente e a relações familiares mais fortes, fatores que são fundamentais para o desenvolvimento de uma autoestima positiva (Cassidy & Shaver, 2016). Além disso, a situação dos irmãos, como a proximidade ou distanciamento, pode moldar as dinâmicas familiares, influenciando as interações e a percepção que os indivíduos têm de si mesmos e dos outros (Howe & Recchia, 2014). Assim, a confirmação dessa hipótese sublinha a importância dessas variáveis no fortalecimento das relações interpessoais e na construção da autoestima.

Implicações Práticas e Limitações

No campo da Psicologia Clínica, as intervenções práticas destinadas aos jovens institucionalizados focam-se principalmente em fortalecer a autoestima, melhorar os estilos de vinculação e promover as relações saudáveis com pais e pares. O objetivo é apoiar o desenvolvimento emocional e social desses jovens, ajudando-os a superar os desafios associados à institucionalização e a construir uma base sólida para relações futuras.

Para fomentar a autoestima dos jovens, é essencial implementar intervenções centradas no desenvolvimento pessoal que ajudem os jovens a identificar e a valorizar as suas habilidades e talentos. Programas que incluam atividades práticas, como por exemplo intervenções que envolvam as artes manuais ou desportivas, proporcionando ao jovem uma sensação de realização e competência, o que é crucial para a construção de uma autoimagem positiva (Liu et al., 2015). A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) também desempenha um papel importante, ajudando os jovens a identificar e modificar pensamentos e crenças negativas sobre si mesmos, e a desenvolver estratégias para lidar com a autocritica (Beck, 1976). Os grupos de apoio são benéficos para o desenvolvimento da autoestima, permitindo que os jovens compartilhem as suas experiências e recebam feedback encorajador de adultos ou colegas, o que reforça o senso de valor e pertencimento (Rhodes, 2002).

No que se refere à promoção de estilos de vinculação seguros, é fundamental realizar intervenções com os cuidadores focadas nas práticas de cuidado consistentes e responsivas. Estas intervenções devem destacar a importância de criar um ambiente emocionalmente seguro e previsível, o que é fundamental para o desenvolvimento de estilos de vinculação seguros (Bowlby, 1982; Ainsworth et al., 1978). Programas que promovam a construção de confiança, como atividades colaborativas e jogos de equipa, ajudam a estabelecer uma base de segurança nas relações (Cassidy & Shaver, 2016).

Para melhorar as relações com pais e pares, desenvolver programas de mediação familiar (e.g role-play de resolução de conflitos) e visitas regulares é fundamental para fortalecer os laços familiares e melhorar a comunicação entre os jovens e os seus familiares (Liddle, 2001). A promoção da participação em atividades sociais estruturadas, como desportivas, incentivam a interação positiva entre os pares, o que ajuda no

desenvolvimento de competências sociais e na formação de amizades saudáveis (Durlak et al., 2011). Além disso, programas de intervenção centrados nas habilidades sociais, que abordam a empatia, a comunicação eficaz e resolução de conflitos, são essenciais para melhorar a qualidade das interações dos jovens com os seus pares e familiares (Gresham & Elliott, 2008).

Adicionalmente, é importante realizar avaliações contínuas das intervenções para ajustar as estratégias conforme necessário, com base no feedback dos jovens e nas observações dos profissionais, garantindo que as abordagens atendam efetivamente às suas necessidades (Rutter, 1987). Envolver os jovens no processo de avaliação e ajuste das intervenções pode aumentar a relevância e a eficácia dos programas, garantindo que as abordagens adotadas sejam adaptadas às suas necessidades e experiências reais (Sroufe et al., 2005). Essas práticas visam estabelecer uma base sólida para o desenvolvimento emocional e social positivo dos jovens institucionalizados, abordando as suas necessidades específicas de autoestima, estilos de vinculação e relações interpessoais.

Relativamente às limitações do estudo, estas foram significativas e incluíram aspetos relacionados com o tamanho da amostra, a fadiga dos participantes, as distrações externas. A amostra reduzida do estudo limita a capacidade de generalizar os resultados, já que uma amostra pequena pode não refletir adequadamente a população geral de jovens institucionalizados, prejudicando a validade externa. Além disso, o facto de os questionários terem sido respondidos após dias escolares intensivos pode ter levado ao cansaço e à falta de concentração, afetando a qualidade das respostas e a precisão dos dados. O ambiente não controlado e as distrações externas também podem ter contribuído para respostas apressadas ou superficiais, comprometendo ainda mais a precisão dos dados. O facto de o questionário ter sido extenso pode ter diminuído o engajamento dos participantes, resultando em respostas menos cuidadosas.

Para melhorar a qualidade das futuras pesquisas com jovens institucionalizados, é importante adotar várias estratégias. Primeiramente, aumentar o tamanho da amostra pode ajudar a obter resultados mais representativos e confiáveis. Realizar as avaliações em momentos em que os participantes estejam menos cansados também pode melhorar a precisão das respostas, já que a fadiga pode afetar a atenção. Garantir um ambiente controlado e sem distrações durante a coleta de dados é fundamental para obter respostas mais precisas.

Além disso, questionários mais curtos e objetivos podem ajudar a manter o interesse dos participantes e evitar respostas superficiais. Incorporar métodos mistos, como entrevistas qualitativas e observações, pode fornecer uma visão mais detalhada e completa das experiências dos jovens. Considerar variáveis contextuais, como a qualidade do ambiente institucional e as experiências de vida dos participantes, pode oferecer uma compreensão mais abrangente dos fatores que afetam a autoestima, os estilos de vinculação e as relações interpessoais. Essas abordagens ajudarão a obter dados mais precisos e a desenvolver intervenções mais eficazes.

Considerações Finais

Este estudo oferece uma análise aprofundada sobre a interação entre estilos de vinculação, autoestima e relações interpessoais em jovens institucionalizados, destacando a importância desses fatores no desenvolvimento emocional e social desses indivíduos. Um dos pontos fortes é a exploração do impacto específico do estilo de vinculação evitante e ansioso/ambivalente na autoestima e nas relações interpessoais, proporcionando uma compreensão mais detalhada das dinâmicas emocionais e sociais dos jovens em contextos de institucionalização. Além disso, o estudo contribui para a literatura ao revelar que a autoestima não atua como mediadora significativa entre os estilos de vinculação e a qualidade das relações interpessoais, destacando a necessidade de considerar outros fatores contextuais e individuais. Esta perspectiva abre novas oportunidades para pesquisas futuras e intervenções, ressaltando a importância de considerar variáveis adicionais e de adaptar intervenções às necessidades específicas dos jovens institucionalizados. Oferecendo insights valiosos para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes para apoiar o bem-estar emocional e relacional desses jovens.

Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Lawrence Erlbaum.
- Alberto, J. P. (2004). *A Proteção de Crianças e Jovens em Perigo: Uma Análise da Lei 147/99*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Amado, J., Ribeiro, F., Limão, I., & Pacheco, V. (2003). *A escola e os alunos institucionalizados*. Lisboa: Departamento da Educação Básica: Grafis CRL
- Amado, J., Ribeiro, M. E., Limão, J., & Pacheco, M. (2003). *Pina Manique: A ação do reformador social em Portugal no século XVIII*. Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa.
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(5), 427-454. DOI:[10.1007/BF02202939](https://doi.org/10.1007/BF02202939)
- Aziz, M., Khan, W., Amin, F., & Khan, M. F. (2021). Influence of parenting styles and peer attachment on life satisfaction among adolescents: Mediating role of self-esteem. *The Family Journal*. DOI:[10.1177/10664807211009807](https://doi.org/10.1177/10664807211009807)
- Bakermans-Kranenburg, M. J., & van IJzendoorn, M. H. (2009). The first 10,000 Adult Attachment Interviews: Distributions of adult attachment representations in clinical and non-clinical groups. *Attachment & Human Development*, 11(3), 223-263. DOI:[10.1080/14616730902814762](https://doi.org/10.1080/14616730902814762).
- Bakermans-Kranenburg, M. J., Steele, H., Zeanah, C. H., Muhamedrahimov, R. J., Vorria, P., Dobrova-Krol, N. A., ... & Gunnar, M. R. (2011). III. Attachment and emotional development in institutional care: Characteristics and catch up. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 76(4), 62-91. DOI:[10.1111/j.1540-5834.2011.00628.x](https://doi.org/10.1111/j.1540-5834.2011.00628.x)
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226-244. DOI:[10.1037/0022-3514.61.2.226](https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.2.226)
- Baumeister, R. F., Campbell, J. D., Krueger, J. I., & Vohs, K. D. (2003). Does high self-esteem cause better performance, interpersonal success, happiness, or healthier

- lifestyles? *Psychological Science in the Public Interest*, 4(1), 1-44.
DOI:[10.1111/1529-1006.01431](https://doi.org/10.1111/1529-1006.01431)
- Beck, A. T. (1976). *Cognitive Therapy and the Emotional Disorders*. International Universities Press.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss: Vol. 1. Attachment*. New York: Basic Books
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Vol. 2. Separation: Anxiety and Anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Vol. 3. Loss: Sadness and depression*. Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A Secure Base: Parent-Child Attachment and Healthy Human Development*. London: Routledge.
- Breidenstine, A. S., Bailey, L. O., Zeanah, C. H., & Larrieu, J. A. (2016). Attachment and trauma in early childhood: A review. *Assessment of Trauma in Youths*, 125-170.
DOI:[10.1080/19361521.2011.609155](https://doi.org/10.1080/19361521.2011.609155)
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Harvard University Press.
- Buckingham, J. T., Weber, A. M., & Sypher, A. K. (2012). Self-esteem and self-perpetuating effects of threat on contingencies of self-worth. *Self and Identity*, 11(3), 360-385. DOI:[10.1080/15298868.2011.591537](https://doi.org/10.1080/15298868.2011.591537)
- Carvalho, M. (2007). Vinculação, temperamento e processamento de informação: Implicações emocionais e comportamentais no início da adolescência. (Tese de Doutorado não publicada). Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga.
- Carvalho, M., Soares, I., & Baptista, A. (2006, submitted). The Inventory of Attachment in Childhood and Adolescence: Development and Psychometric Properties. *European Journal of Psychological Assessment*.
- Cassidy, J., & Shaver, P. R. (Eds.). (2016). *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (3rd ed.). Guilford Press.
- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum Associates.

- Costa, A. O. S. (2016). Vinculação e autoconceito em crianças e jovens institucionalizados. Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco. Instituto Politécnico de Viseu (Portugal).
- Creswell, J. W., & Plano Clark, V. L. (2011). *Designing and Conducting Mixed Methods Research*. Sage Publications.
- D'Augelli, A. R., Grossman, A. H., & Starks, M. T. (2001). Gender atypicality and sexual orientation development among lesbian, gay, and bisexual youth: Prevalence, patterns, and the self-esteem connection. *Journal of Gay & Lesbian Mental Health* 12(1):121-143. DOI:[10.1300/J529v12n01_08](https://doi.org/10.1300/J529v12n01_08)
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12-24.
- Decreto-Lei n.º 142/2015 de 8 de setembro. Diário da República n.º 175 -I Série. Ministério Público. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 147/99, de 1 de setembro. Diário da República n.º 204- I Série. Ministério Público. Lisboa.
- Delgado, E., Serna, C., Martínez, I., & Cruise, E. (2022). Parental attachment and peer relationships in adolescence: A systematic review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(3), 1064. DOI:[10.3390/ijerph19031064](https://doi.org/10.3390/ijerph19031064)
- Durlak, J. A., Weissberg, R. P., Dymnicki, A. B., Taylor, R. D., & Schellinger, K. B. (2011). The impact of enhancing students' social and emotional learning: A meta-analysis of school-based universal interventions. *Child Development*, 82(1), 405-432. DOI: [10.1111/j.1467-8624.2010.01564.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2010.01564.x)
- Dykas, M. J., Ziv, Y., & Cassidy, J. (2008). Attachment and peer relations in adolescence. *Attachment & human development*, 10(2), 123-141. DOI:[10.1080/14616730802113679](https://doi.org/10.1080/14616730802113679)
- Fearon, R. P., & Roisman, G. I. (2017). Attachment theory: progress and future directions. *Current Opinion in Psychology*, 15, 131-136. DOI: [10.1016/j.copsyc.2017.03.002](https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.03.002)

- Ferreira, A. S. (2021). *Acolhimento familiar e institucional em Portugal: Práticas, desafios e perspectivas futuras*. Lisboa: Pactor Editora
- Fonseca, PND (2017). O impacto do acolhimento institucional na vida de adolescentes. *Revista Psicopedagogia*, 34 (105), 285-296.
- Gresham, F. M., & Elliott, S. N. (2008). *Social Skills Improvement System: Rating Scales Manual*. Pearson.
- Grunebaum, H., & Solomon, L. (1987). Peer relationships, self-esteem, and the self. *International Journal of Group Psychotherapy*, 37(4), 475-513.
DOI: [10.1080/00207284.1987.11491070](https://doi.org/10.1080/00207284.1987.11491070)
- Guedeney, A., & Guedeney, N. (2016). *Vinculação: Conceitos e aplicação*. Climepsi Editores.
- Guerra, A. S. D. S. (2008). *Institucionalização e sintomas psicopatológicos: O comportamento delinquente na adolescência e a influência de fatores de risco*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Lisboa: ISPA – Instituto Universitário
- Harter, S. (1999). *The Construction of the Self: A Developmental Perspective*. New York: Guilford Press.
- Hayes, A. F. (2018). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach* (3.^a ed.). Guilford Press.
- Homola, S. Y. e Oros, L. B. (2023). Apego, autoestima e habilidades de autoexpressão social: um modelo de cadeia causal em jovens e adolescentes. *Notícias em Psicologia*, 37(134), 85-98. DOI:[10.15517/ap.v37i134.53536](https://doi.org/10.15517/ap.v37i134.53536)
- Howe, N., Ross, H. S., & Recchia, H. (2014). Sibling relations in early and middle childhood. In P. K. Smith & C. H. Hart (Eds.), *The Wiley Blackwell handbook of childhood social development* (2nd ed., pp. 356–372). Wiley Blackwell.
DOI:[10.1002/9781444390933.ch19](https://doi.org/10.1002/9781444390933.ch19)
- IBM Corp. (2011). IBM SPSS Statistics for Windows, Version 20.0. IBM Corp
- ISS, I.P. (2022). *Relatório Anual da Casa: Situação de Acolhimento de Crianças e Jovens*. Lisboa: ISS, I.P.,2022.
- ISS, I.P. Relatório de Atividades 2020. Lisboa: ISS, I.P., 2020.

- ISS, I.P. Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens 2016. Versão policopiada. Lisboa: ISS, I.P., 2017.
- Johnson, D. E., & Gunnar, M. R. (2011). IV. Growth failure in institutionalized children. *Monographs of the Society for research in child development*, 76(4), 92-126. DOI: [10.1111/j.1540-5834.2011.00629.x](https://doi.org/10.1111/j.1540-5834.2011.00629.x)
- Keizer, R., Helmerhorst, K. O., & van Rijn-van Gelderen, L. (2019). Perceived quality of the mother–adolescent and father–adolescent attachment relationship and adolescents’ self-esteem. *Journal of youth and adolescence*, 48(6), 1203-1217. DOI: [10.1007/s10964-019-01007-0](https://doi.org/10.1007/s10964-019-01007-0)
- Kim, Y., Lee, H., & Park, A. (2022). Patterns of adverse childhood experiences and depressive symptoms: self-esteem as a mediating mechanism. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, volume 57, 331–341. DOI: [10.1007/s00127-021-02129-2](https://doi.org/10.1007/s00127-021-02129-2)
- Lamb, M. E., & Lewis, C. (2005). The Role of Parent-Child Relationships in Child Development. In M. H. Bornstein & M. E. Lamb (Eds.), *Developmental science: An advanced textbook* (5th ed., pp. 429–468). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Laureano, A. (2011). *Psicologia das Organizações* (2ª ed.). Coimbra: Almedina.
- Liddle, H. A., Dakof, G. A., Parker, K., Diamond, G. S., Barrett, K., & Tejeda, M. (2001). Multidimensional family therapy for adolescent drug abuse: Results of a randomized clinical trial. *The American journal of drug and alcohol abuse*, 27(4), 651-688. DOI: [10.1081/ada-100107661](https://doi.org/10.1081/ada-100107661)
- Liu, M., Wu, L., & Ming, Q. (2015). How does physical activity intervention improve self-esteem and self-concept in children and adolescents? Evidence from a meta-analysis. *PloS one*, 10(8), e0134804. DOI: [10.1371/journal.pone.0134804](https://doi.org/10.1371/journal.pone.0134804)
- Maccoby, E. E., & Jacklin, C. N. (1974). *The psychology of sex differences*. Stanford University Press.
- Main, M., & Hesse, E. (1990). Parents' unresolved traumatic experiences are related to infant disorganized attachment status: Is frightened and/or frightening parental behavior the linking mechanism? In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M.

- Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years: Theory, research, and intervention* (pp. 161-182). University of Chicago Press.
- Mammadov, S. (2022). Os cinco grandes traços de personalidade e desempenho acadêmico: uma meta-análise. *Journal of Personality*, 90 (2), 222–255. DOI:[10.1111/jopy.12663](https://doi.org/10.1111/jopy.12663)
- Marôco, J. (2010). *Análise Estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Silabo.
- Marôco, J. (2021). *Análise Estatística com o SPSS Statistics (8.ª ed.)*. Report, Lisboa.
- Martins, M. H., & Neto, V. C. (2016). Resilience and self-concept of competence in institutionalized and non-institutionalized young people. *Psicologia*, 30(2), 61-76. DOI:[10.17575/rpsicol.v30i2.1122](https://doi.org/10.17575/rpsicol.v30i2.1122)
- Masten, A. S., Best, K. M., & Garmezy, N. (1990). Resilience and development: Contributions from the study of children who overcome adversity. *Development and Psychopathology*, 2(4), 425-444. DOI:[10.1017/S0954579400005812](https://doi.org/10.1017/S0954579400005812)
- McCall, R. B., Groark, C. J., Hawk, B. N., Julian, M. M., Merz, E. C., Rosas, J. M., ... & Nikiforova, N. V. (2019). Early caregiver–child interaction and children’s development: Lessons from the St. Petersburg-USA Orphanage intervention research project. *Clinical child and family psychology review*, 22, 208-224. DOI: [10.1007/s10567-018-0270-9](https://doi.org/10.1007/s10567-018-0270-9)
- McHale, S. M., Updegraff, K. A., & Whiteman, S. D. (2020). Sibling Relationships and Influences in Childhood and Adolescence. *Journal of Marriage and Family*, 74(5): 913–930. DOI: BBN [10.1111/j.1741-3737.2012.01011.x](https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2012.01011.x)
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2010). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and change*. Guilford Publications.
- Mónaco, E., Schoeps, K., & Montoya-Castilla, I. (2019). *Attachment styles and well-being in adolescents: How does emotional development affect this relationship? International journal of environmental research and public health*, 16(14), 2554. DOI:[10.3390/ijerph16142554](https://doi.org/10.3390/ijerph16142554)
- Moreira, H., Fonseca, A., & Canavarro, M. C. (2013). People in My Life [PIML]: Versão portuguesa e validação em adolescentes. *Laboratório de Psicologia*, 11(1), 79-94. <https://doi.org/10.14417/lp.772>

- Moreira, H., Fonseca, A., & Canavarro, M. C. (2017). Assessing attachment to parents and peers among children and adolescents: Validation of the Portuguese version of the People in My Life. *Journal of Child and Family Studies*, 26(5), 1318–1333. doi:10.1007/s10826-017-0654-3
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2008). Adolescência e institucionalização numa perspectiva de vinculação [Adolescence and institutionalization: An attachment approach]. *Psicologia & Sociedade*, 20 (3), 367-377.
- Mota, C.P., & Matos, P. M. (2015). Does sibling relationship matter to self-concept and resilience in Institutionalized Adolescents? *Child & Youth Service Review*, 56, 97- 106. DOI:[10.1016/j.childyouth.2015.06.017](https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2015.06.017).
- Pechorro, P., Maroco, J., Poiares, C., & Vieira, R. (2011). Validação da Escala de Auto-estima de Rosenberg com adolescentes portugueses em contexto forense e escolar. *Arquivos de Medicina*, 25(5-6), 174-179. DOI:10.34631/spmi.arquivos.2011.360
- Pereira, F., & Fernandes, M. (2020). *Acolhimento residencial e familiar em Portugal: Desafios e perspetivas*. Lisboa: Pactor Editora.
- Pinheiro Mota, C., Dias, D., & Rocha, M. (2020). Vinculação aos pares e comportamentos de bullying na adolescência: o efeito mediador da autoestima. *Avances En Psicología Latinoamericana*, 38(1), 48-65. DOI:[10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5898](https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5898)
- Pinquart, M. (2017). Associations of parenting dimensions and styles with externalizing problems of children and adolescents: An updated meta-analysis. *Developmental Psychology*, 53(5), 873-932. DOI: 10.1037/dev0000295
- Pires, S. A. D. C. (2011). *A promoção da autonomia em jovens institucionalizadas*. Mestrado em Educação. Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação).
- Reis, M. (1999). *A Casa Pia de Lisboa e a Roda dos Expostos: Uma Visão Histórica*. Edições Colibri.
- Rhodes, J. E. (2002). *Stand by Me: The Risks and Rewards of Mentoring Today's Youth*. Harvard University Press.

- Ridenour, T. A., Greenberg, M. T., & Cook, E. T. (2006). Structure and validity of people in my life: A self-report measure of attachment in late childhood. *Journal of Youth and Adolescence*, 35, 1027-1053. DOI:10.1007/s10964-006-9070-5
- Rosenberg, M. (1986) Self-Concept from Middle Childhood through Adolescence. In: Suls, J. and Greenwald, A.G., Eds., *Psychological Perspectives on the Self*, Vol. 3, Lawrence Erlbaum, Hillsdale, 107-135.
- Rosenberg, M. (1989). *Society and the adolescent self-image*. Revised edition. Middletown: Wesleyan University Press
- Rutter, M. (1987). Psychosocial Resilience and Protective Mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57(3), 316-331. DOI: [10.1111/j.1939-0025.1987.tb03541.x](https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1987.tb03541.x)
- Scheiwe, K., & Willekens, H. (2009). Introduction: Path-dependencies and Change in Child-care and Preschool Institutions in Europe—Historical and Institutional Perspectives. In *Childcare and Preschool Development in Europe: Institutional Perspectives* (pp. 1-22). London: Palgrave Macmillan UK. DOI:[10.1057/9780230232778_1](https://doi.org/10.1057/9780230232778_1)
- Seitún, M., & Di Bártolo, I. (2019). *Apego e parentalidade: como a teoria do apego ilumina a parentalidade*. Grijalbo.
- Sen, R., & Broadhurst, K. (2011). "Contact between children in out-of-home placements and their family and friends networks: A research review." *Child & Family Social Work*, 16(3), 298-309. DOI:[10.1111/j.1365-2206.2010.00741.x](https://doi.org/10.1111/j.1365-2206.2010.00741.x)
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2007). Adult attachment strategies and the regulation of emotion. *Handbook of emotion regulation*, 446, 465.
- Soares, I. (2007). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (Ed.), *Relações de Vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 13-45). Braga: Psiquilíbrios.
- Sroufe, L. A. (1979). *The coherence of personality: Social-cognitive approach to the study of personality development*. University of Chicago Press.
- Sroufe, L. A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development*, 7(4), 349-367.

- Sroufe, L. A., Egeland, B., Carlson, E., & Collins, N. (2005). *The Development of the Person: The Minnesota Study of Risk and Adaptation from Birth to Adulthood*. New York: Guilford Press.
- Steinberg, L. (2014). *Adolescence*. New York: McGraw-Hill Education.
- Tavares, J. (2000). *A Institucionalização da Infância em Portugal: Do Antigo Regime ao Século XX*. Livros Horizonte.
- Toth, S. L., Cicchetti, D., Macfie, J., & Emde, R. N. (1997). Representations of self and other in the narratives of neglected, physically abused, and sexually abused preschoolers. *Development and Psychopathology*, 9(4), 781-796. DOI: [10.1017/s0954579497001430](https://doi.org/10.1017/s0954579497001430)
- UNICEF. (2019). *A world ready to protect every child: Annual report 2019*. United Nations Children's Fund (UNICEF). <https://www.unicef.org/reports/annual-report-2019>
- United Nations. General Assembly, & Canada. Human Rights Directorate. (1991). *Convention on the Rights of the Child*. Human Rights Directorate.
- Van Genugten, L., Dusseldorp, E., Massey, E. K., & van Empelen, P. (2017). Effective self-regulation change techniques to promote mental wellbeing among adolescents: a meta-analysis. *Health psychology review*, 11(1), 53-71. DOI: [10.1080/17437199.2016.1252934](https://doi.org/10.1080/17437199.2016.1252934)
- Van IJzendoorn, M. H., Schuengel, C., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (1999). Disorganized attachment in early childhood: Meta-analysis of precursors, concomitants, and sequelae. *Development and Psychopathology*, 16(2), 230-253. DOI: [10.1017/s0954579499002035](https://doi.org/10.1017/s0954579499002035)
- Van IJzendoorn, M.H., Bakermans-Kranenburg, M.J., Duschinsky, R., Fox, N.A., Goldman, P.S., Gunnar, M.R., ... & Sonuga-Barke, E.J. (2020). Institutionalization and deinstitutionalization of children 1: a systematic and integrative review of evidence on developmental effects. *The Lancet Psychiatry*, 7(8), 703-720. DOI: [10.1016/S2215-0366\(19\)30399-2](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(19)30399-2)
- Wilkinson, R. B. (2004). The role of parental and peer attachment in the psychological health and self-esteem of adolescents. *Journal of youth and adolescence*, 33, 479-493. DOI: [10.1023/B:JOYO.0000048063.59425.20](https://doi.org/10.1023/B:JOYO.0000048063.59425.20)

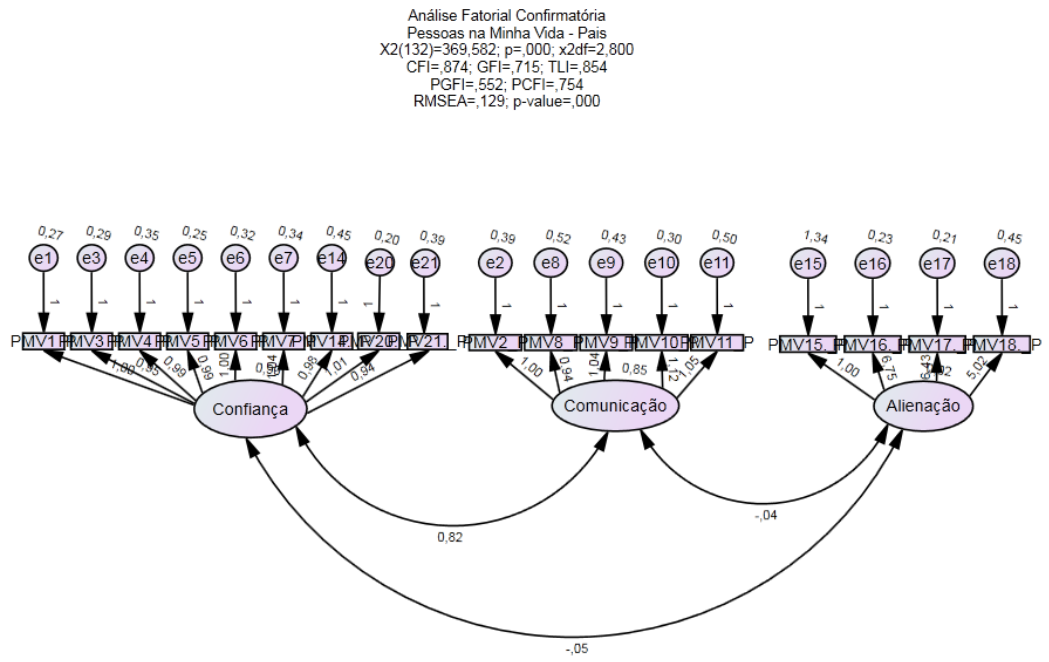
Zeanah, C. H., Smyke, A. T., Koga, S. F., Carlson, E., & Bucharest Early Intervention Project Core Group. (2005). Attachment in institutionalized and community children in Romania. *Child development*, 76(5), 1015-1028. DOI: [10.1111/j.1467-8624.2005.00894.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2005.00894.x)

Zeanah, C. H., Humphreys, K. L., Fox, N. A., & Nelson, C. A. (2017). Alternatives for abandoned children: insights from the Bucharest Early Intervention Project. *Current opinion in psychology*, 15, 182-188. DOI:10.1016/j.copsy.2017.02.024

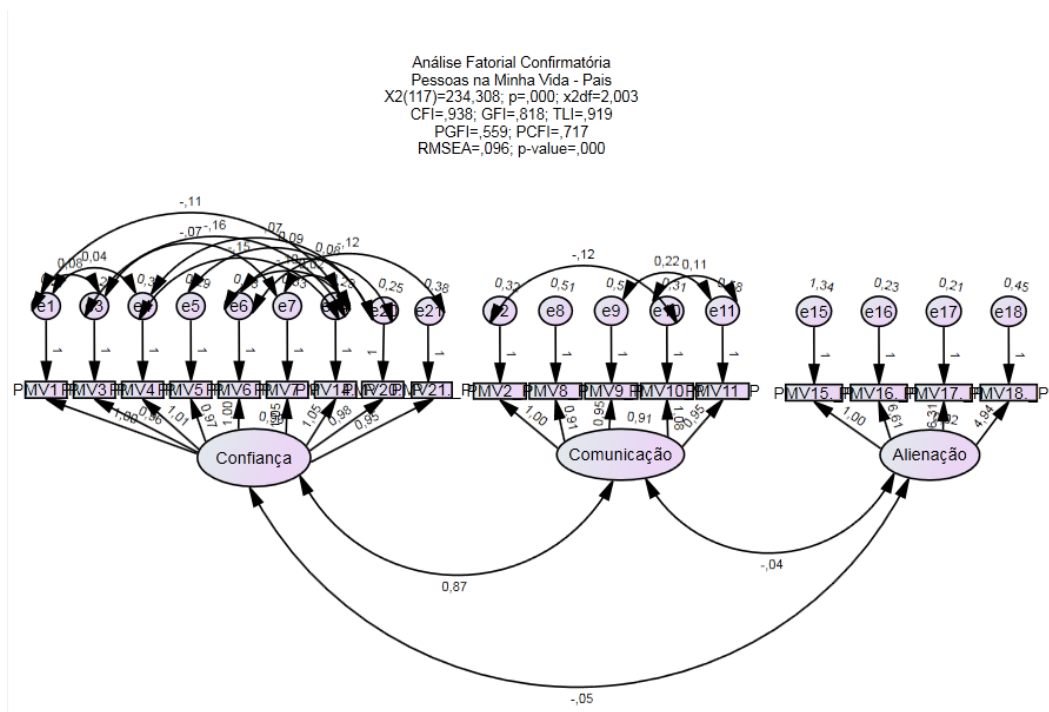
ANEXOS

Anexo A – Modelos de Análise Fatorial Confirmatória no AMOS

Modelo 1 – Sem itens 12, 13 e 19

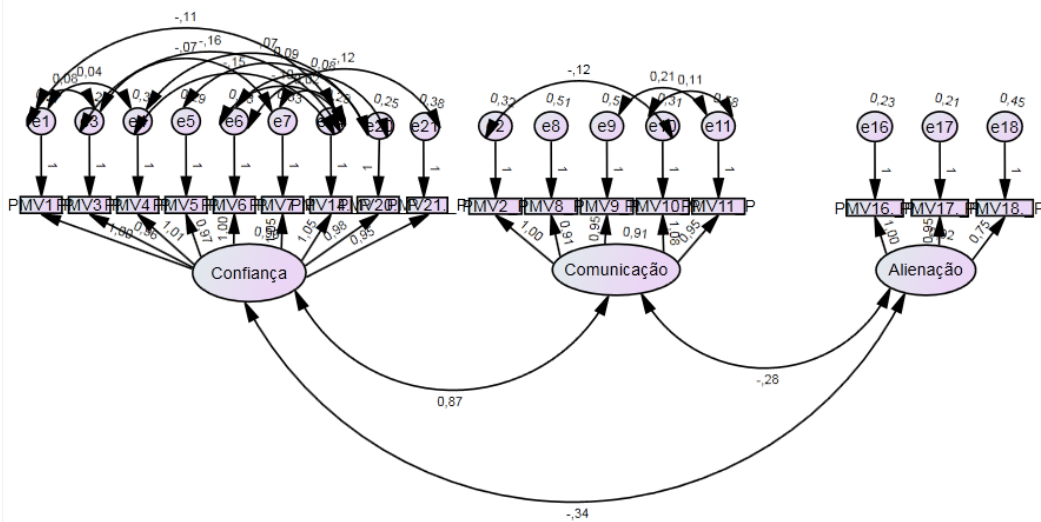


Modelo 2 – Sem itens 12, 13 e 19 e refinado

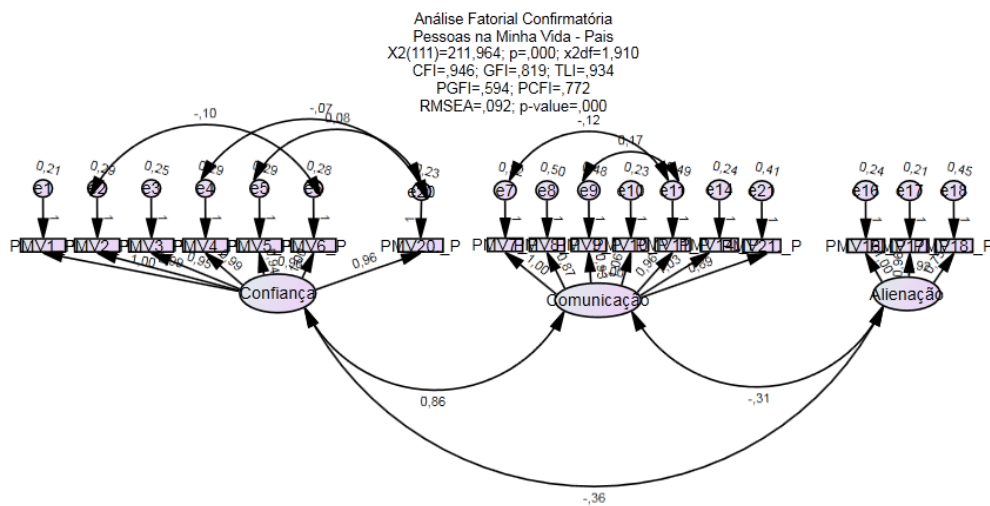


Modelo 3 – Sem itens 12, 13, 15 e 19 e refinado

Análise Fatorial Confirmatória
 Pessoas na Minha Vida - Pais
 $\chi^2(101)=207,354$; $p=.000$; $\chi^2df=2,053$
 CFI= 943; GFI= 824; TLI= 924
 PGFI= 544; PCFI= 701
 RMSEA= 0,99; p-value= 0,00



Modelo 4 – Sem itens 12, 13, 15 e 19, com alteração dos itens dos fatores Confiança e Comunicação e refinado



Anexo B – Autorização para Utilização dos Instrumentos

Pessoas da Minha Vida

Re: Pedido do instrumento Pessoas na Minha Vida

Helena Moreira <helena.tcmoreira@gmail.com>

qua, 27/12/2023 09:17

Para:Marta Cristina Trindade Miguel <mmiguel@ispa.pt>;hmoreira@fpce.uc.pt <hmoreira@fpce.uc.pt>
Cc:jessica Monsanto <jessicagoncalves261@hotmail.com>

📎 1 anexos (113 KB)

PIML [versão portuguesa].pdf;

***ALERTA*: mensagem de e-mail com origem externa ao ISPA!**

Recomenda-se a MÁXIMA cautela quanto ao seu conteúdo e endereço do remetente, em particular ao seguir hiperligações ou ao abrir anexos.

Cara colega,

Peço desculpa pelo atraso da minha resposta, mas os emails enviados para o meu endereço institucional têm ido diretamente para a caixa de spam e ainda não percebi como posso resolver esta questão!

Junto envio o instrumento solicitado.

Votos de um feliz ano de 2024,

Helena Moreira

--

Helena Moreira

Associate Professor

Faculty of Psychology and Education Sciences, University of Coimbra, Portugal

CINEICC [Center for Research in Neuropsychology and Cognitive-Behavioural

Intervention]

https://www.researchgate.net/profile/Helena_Moreira/research

Às 14:16 de 13/12/23, Marta Cristina Trindade Miguel escreveu:

Cara colega,

Professora Doutora Helena Moreira,

Como docente de unidade curricular de Seminário de Dissertação no Mestrado em Psicologia Clínica e orientadora da aluna Jéssica Monsanto, peço colaboração na cedência do instrumento Pessoas na Minha Vida, referido no artigo a abaixo citado, e respetiva autorização de utilização:

- Moreira, H., Fonseca, A., & Canavarro, M. C. (2017). Assessing attachment to parents and peers among children and adolescents: Validation of the Portuguese version of the People in My Life. *Journal of Child and Family Studies*, 26(5), 1318–1333. doi:10.1007/s10826-017-0654-3
URL: <http://link.springer.com/article/10.1007/s10826-017-0654-3>

O instrumento será aplicado pela aluna a adolescentes no âmbito da Dissertação de Mestrado subordinado ao tema "Papel Mediador da Autoestima na Relação entre

Escala de Autoestima de Rosenberg

Re: Pedido do instrumento Escala de Autoestima de Rosenberg

Pedro Pechorro <ppechorro@gmail.com>

qua, 13/12/2023 15:34

Para: Marta Cristina Trindade Miguel <mmiguel@ispa.pt>

Cc: jessica monsanto <jessicagoncalves261@hotmail.com>

***ALERTA*: mensagem de e-mail com origem externa ao ISPA!**

Recomenda-se a MÁXIMA cautela quanto ao seu conteúdo e endereço do remetente, em particular ao seguir hiperligações ou ao abrir anexos.

Boa tarde

Pode utilizar a RSES.

Veja o link abaixo para obter esse e outros artigos.

<https://www.researchgate.net/profile/Pedro-Pechorro/research>

Cumprimentos

pedro pechorro

Marta Cristina Trindade Miguel <mmiguel@ispa.pt> escreveu no dia quarta, 13/12/2023 à(s) 14:22:

Caro colega,

Professor Doutor Pedro Pechorro,

Como docente de unidade curricular de Seminário de Dissertação no Mestrado em Psicologia Clínica e orientadora da aluna Jéssica Monsanto, peço colaboração na cedência do instrumento Escala de Autoestima de Rosenberg, referido no artigo a abaixo citado, e respetiva autorização de utilização:

- Pechorro, P., Marôco, J., Poiares, C., & Vieira, R.X. (2011). Validação da escala de autoestima de Rosenberg com adolescentes portugueses em contexto forense e escolar. *Arquivos de Medicina*, 25, 174-179.

O instrumento será aplicado pela aluna a adolescentes no âmbito da Dissertação de Mestrado subordinado ao tema "Papel Mediador da Autoestima na Relação entre Estilos de Vinculação Parental e Qualidade da Relação com os Pares".

Grata pela atenção, fico a aguardar resposta.

Com os melhores cumprimentos,

Marta Miguel

Rua Jardim do Tabaco, 34 | 1149-041 Lisboa | Portugal
+351 218 811 700

 assinatura-mail-ispa-175x175

[Facebook](#) | [Instagram](#) | [LinkedIn](#) | [Twitter](#) | [Youtube](#)

Re: Pedido do instrumento IVIA

Marina Carvalho <p882@ismat.pt>

sex, 12/01/2024 18:12

Para: Marta Cristina Trindade Miguel <mmiguel@ispa.pt>

Cc: jessicagoncalves261@hotmail.com <jessicagoncalves261@hotmail.com>

📎 2 anexos (137 KB)

IACA_AA.pdf; Pedido de Utilização de Instrumentos de Avaliação.pdf;

***ALERTA*: mensagem de e-mail com origem externa ao ISPA!**

Recomenda-se a MÁXIMA cautela quanto ao seu conteúdo e endereço do remetente, em particular ao seguir hiperligações ou ao abrir anexos.

Cara Prof. Marta Miguel,

Agradecemos, em primeiro lugar, o interesse na utilização da medida.

Junto envio a medida, bem como o formulário que peço o favor de ser devolvido, com vista à formalização da sua utilização no âmbito do presente estudo.

Votos de bom trabalho.

Cumprimentos,

Marina Carvalho

Com os melhores cumprimentos / Best regards,



Marina Carvalho, PhD

Full Professor

Graduation in Psychology; Master in Occupational Health and Work Psychology | Department of Psychology & Physical Education

marina.carvalho@ismat.pt

282 450 430 - ext. 123

(Custo da chamada para rede fixa nacional)

Instituto Superior Manuel

Teixeira Gomes

Rua Dr. Estêvão de Vasconcelos, nº33

8500-656 Portimão - Portugal

www.ismat.pt

NOTA: Esta mensagem contém informação **confidencial** para utilização exclusiva pelos destinatários. **Não está autorizada a cópia e/ou divulgação** das informações nele contidas.

NOTE: This message contains confidential information for exclusive use by recipients. **Copying and / or disclosure** of the information contained therein is **not authorised**.

Marta Cristina Trindade Miguel <mmiguel@ispa.pt> escreveu no dia quinta, 11/01/2024 à(s) 12:20:

Cara colega,

Professora Doutora Marina Carvalho,

Anexo C – Consentimento Informado

Consentimento Informado

Exmo(a) Diretor(a), eu, Jéssica Monsanto, aluna do 5º do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica (ISPA – Instituto Universitário), sob a orientação da Professora Doutora Marta Miguel, encontro-me a desenvolver um estudo cujo objetivo visa perceber a relação entre os estilos de vinculação e as relações com os pais e pares, tendo como papel mediador a autoestima, em jovens institucionalizados.

Pedimos a colaboração da vossa instituição neste estudo, através da participação dos jovens residentes, com o preenchimento de um questionário online. O participante deverá assinalar a resposta que lhe será mais adequada, não existindo respostas certas nem erradas. Realçando que a participação é voluntária e anónima, podendo o jovem recusar a participar ou a abandonar o estudo em qualquer momento. Sublinha-se que os questionários preenchidos serão disponibilizados apenas aos investigadores do estudo, exclusivamente para efeitos estatísticos e análise dos resultados, logo serão salvaguardados com total confidencialidade qualquer tipo de informações acerca dos participantes e resultados obtidos. Caso surja alguma dúvida poderá contactar por via email:

jessicagoncalves261@hotmail.com ou mmiguel@ispa.pt.

Eu, _____, tutor(a) dos jovens da _____, declaro que tomei conhecimento dos objetivos do estudo de investigação e que consinto a sua participação, salvaguardando o direito de que possam desistir do estudo em qualquer momento.

Assinatura _____ Data _____

Anexo D – Formulário

Questionário sobre Estilos de Vinculação, Autoestima e Relações com os Pares e Pais

O presente estudo consiste numa investigação científica, no âmbito das ciências psicológicas e sociais, enquadrado no Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, pelo ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas e Sociais e da Vida. O objetivo desta investigação é avaliar a relação entre os estilos de vinculação, a autoestima e as relações com os pares e os pais em jovens institucionalizados.

Convidamos-te a participar neste estudo através do preenchimento de um questionário, que tem como duração aproximada de 10 minutos. Pedimos-te que leias atentamente e respondas de forma honesta e ponderada a cada questão, reforçando que não existem respostas certas nem erradas.

A tua participação é de natureza voluntária, logo se te sentires desconfortável em responder a alguma questão, podes interromper o questionário a qualquer momento, sem sofrer qualquer penalização. A informação recolhida será anónima e utilizada exclusivamente para fins académicos, protegendo a confidencialidade de todos os dados recolhidos. Para mais informações ou esclarecimentos de dúvidas relativamente ao estudo ou sobre a tua participação, poderás entrar em contacto connosco através dos seguintes emails: jessicagoncalves261@hotmail.com; mmiguel@ispa.pt.

Muito obrigada pela tua participação e colaboração.

Aceita participar nesta investigação?

- Li a informação e aceito participar.
 Li a informação e não aceito participar.

Começamos por te pedir para responderes a algumas questões sobre ti.

Que idade tens? _____

Qual é o teu sexo biológico (com que nasceste)?

- Feminino
 Masculino

Qual a tua nacionalidade?

- Portuguesa
 Estrangeira

Onde te encontras a viver?

- Em Casa de Acolhimento
 Em Família de Acolhimento
 Em Apartamentos de Autonomização
 Em Centro de Acolhimento Temporário

Se estás numa Casa de Acolhimento ou Centro de Acolhimento Temporário como se chama?

Seleciona o tempo em que te encontras na instituição?

- Menos de 1 ano
 1 a 2 anos
 3 a 5 anos
 Mais de 5 anos

Tens irmãos?

- Não
 1

- 2
- 3
- 4 ou mais

Se sim, onde estão?

- Na mesma Casa de Acolhimento
- Noutra Casa de Acolhimento
- Numa Família de Acolhimento
- Com a Minha Família
- Outra Situação

Qual a situação dos teus irmãos?

Quem consideras as tuas figuras de referência?

- Pai/Mãe
- Tios
- Avós
- Outra pessoa

Se respondeste outra pessoa na pergunta anterior, menciona quem é.

Tens contacto com a tua família?

- Sim
- Não

Qual a frequência do contacto com a tua família?

- Períodos de férias escolares
- Quinzenal
- Fins de semana
- 1 vez por semana
- 2 ou mais vezes por semana
- Todos os dias

Relação com os teus PAIS

Nesta secção iremos abordar a forma como te relacionas com os outros, nomeadamente com os teus pais ou quem consideras ser a tua figura de referência e, por fim, com os teus amigos. Reforçando que, não existem resposta certas nem erradas. Ao longo do questionário vais encontrar um conjunto de afirmações sobre vários temas, neste caso, sobre as relações que tens com as pessoas mais próximas de ti. Escolhe, para cada afirmação, uma opção que te faça mais sentido.

	QUASE nunca OU NUNCA é verdade	ÀS VEZES é verdade	MUITAS vezes é verdade	É QUASE sempre ou SEMPRE verdade
Os meus pais respeitam os meus sentimentos.				
Os meus pais ouvem o que eu tenho para dizer.				
Os meus pais aceitam-me tal como sou.				
Os meus pais compreendem-me.				
Os meus pais preocupam-se comigo.				
Eu confio nos meus pais.				
Eu posso contar com a ajuda dos meus pais quando tenho um problema.				

Os meus pais conseguem perceber quando eu estou chateado com alguma coisa.				
Eu falo com os meus pais quando tenho um problema.				
Se os meus pais sabem que alguma coisa me está a chatear perguntam-me o que se passa.				
Eu partilho os meus pensamentos e sentimentos com os meus pais.				
Os meus pais estão atentos ao que se passa comigo.				
Os meus pais não compreendem o que ultimamente se está a passar comigo.				
Eu chateio-me facilmente com os meus pais.				
Eu sinto-me zangado com os meus pais.				
É difícil para mim falar com os meus pais.				
Eu dou-me bem com os meus pais.				
Os meus pais têm orgulho das coisas que eu faço.				

Relação com os teus AMIGOS

	QUASE nunca ou NUNCA é verdade	ÀS VEZES é verdade	MUITAS vezes é verdade	É QUASE sempre ou SEMPRE Verdade
Os meus amigos respeitam os meus sentimentos.				
Os meus amigos ouvem o que eu tenho para dizer.				
Os meus amigos aceitam-me tal como sou.				
Os meus amigos compreendem-me.				
Os meus amigos preocupam-se comigo.				
Eu confio nos meus amigos.				
Eu posso contar com a ajuda dos meus amigos quando tenho um problema.				
Os meus amigos conseguem perceber quando eu estou chateado com alguma coisa.				
Eu falo com os meus amigos quando tenho um problema.				
Se os meus amigos sabem que alguma coisa me está a chatear perguntam-me o que se passa.				
Eu partilho os meus pensamentos e sentimentos com os meus amigos.				
Eu gosto de estar com os meus amigos.				
Os meus amigos estão atentos ao que se passa comigo.				
Os meus amigos não compreendem o que ultimamente se passa comigo.				
Eu chateio-me facilmente com os meus amigos.				
Eu sinto-me zangado com os meus amigos.				
Eu sinto-me assustado com os meus amigos.				
É difícil para mim falar com os meus amigos.				
Eu dou-me bem com os meus amigos.				
Os meus amigos têm orgulho das coisas que eu faço.				
Eu acho que os meus amigos são uma má influência para mim.				

Eu gostava de ter mais amigos.				
Se um dos meus amigos me pedisse para eu faltar à escola, eu faltava.				
Se eu estivesse numa festa e um dos meus amigos me oferecesse uma cerveja, eu bebia.				
Se um amigo me pedisse para copiar o meu teste, eu deixava-o copiar.				
Ter boas notas é importante para os meus amigos.				
Os meus pais gostam e aceitam os meus amigos.				

Autoestima

Nesta secção iremos falar sobre a forma como te percecionas a ti e os outros.

	0 Discordo fortemente	1 Discordo	2 Concordo	3 Concordo fortemente
De um modo geral estou satisfeito comigo próprio.				
Por vezes penso que não presto.				
Sinto que tenho algumas boas qualidades.				
Sou capaz de fazer coisas tão bem como a maioria das outras pessoas.				
Sinto que não tenho motivos para me orgulhar de mim próprio.				
Por vezes sinto que sou um inútil.				
Sinto que sou uma pessoa de valor.				
Gostaria de ter mais respeito por mim próprio.				
De um modo geral sinto-me um fracassado.				
Tenho uma boa opinião de mim próprio.				

Estilos de Vinculação

Nesta secção, vais encontrar um conjunto de afirmações que descrevem características que as pessoas podem apresentar.

Seleciona o número que te melhor descreve.

	1 Nunca	2 Algumas vezes	3 Muitas vezes	4 Quase sempre	5 Sempre
Preocupo-me se tiver que depender de outras pessoas.					
É difícil confiar totalmente nas outras pessoas.					
Para mim, é mais importante conseguir coisas que manter relações como os outros.					
Preocupo-me com a possibilidade de ser abandonado/a.					
Acredito que as outras pessoas gostam de mim e respeitam-me.					
Para mim, é difícil depender dos outros.					
Gostava de ser mais próximo/a dos meus amigos.					
Gosto de me sentir próximo/a das outras pessoas.					
Preocupo-me com a possibilidade de ficar sozinho/a.					
É bom estar próximo/a de outras pessoas.					
Preocupo-me com a possibilidade de não ser aceite pelas outras pessoas.					

Fico ansioso/a quando alguém se aproxima de mais de mim.					
Prefiro não mostrar os meus sentimentos.					
Sinto-me à vontade se tiver que pedir ajuda aos outros.					
As outras pessoas podem contar comigo quando me pedem ajuda.					
Sei que as outras pessoas estarão presentes quando eu necessitar delas.					
Sinto que posso contar com os outros quando necessitar.					
Preocupo-me que os meus amigos não queiram estar comigo.					
Para mim, é muito importante sentir-me independente.					
As outras pessoas afastam-se de mim porque eu tento estar demasiado próximo/a delas.					
Prefiro não depender das outras pessoas.					
Quando mostro os meus sentimentos pelos outros, tenho medo de que não sintam o mesmo para mim.					
Sinto que os meus pais me compreendem.					
Prefiro que as outras pessoas não dependam de mim.					
Não sei se posso depender de outras pessoas para me ajudarem quando for necessário.					
Torno-me facilmente dependente das outras pessoas.					
Peço conselhos aos outros quando estou preocupado.					
Não gosto de contar às outras pessoas o que penso e sinto.					
Preocupo-me por poder não impressionar os outros.					
Acredito que as outras pessoas me rejeitam se eu me comportar mal.					
Respeito os sentimentos das outras pessoas.					
Posso contar com os meus amigos quando é necessário.					
As outras pessoas aceitam-me tal como sou.					
Não vale a pena expressar os meus sentimentos.					
Confio nas minhas capacidades.					
Expresso claramente o que pretendo.					
Pergunto-me se os meus amigos gostam realmente de mim.					